

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**A INFLUÊNCIA DE MACKINDER SOBRE O
PENSAMENTO ESTRATÉGICO NORTE-AMERICANO:
SPYKMAN E BRZEZINSKI.**

DANILO SILVA RODRIGUEZ
Matrícula nº: 111468408

ORIENTADOR: Prof. Ronaldo Fiani

FEVEREIRO 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**A INFLUÊNCIA DE MACKINDER SOBRE O
PENSAMENTO ESTRATÉGICO NORTE-AMERICANO:
SPYKMAN E BRZEZINSKI**

DANILO SILVA RODRIGUEZ
Matrícula nº: 111468408

ORIENTADOR: Prof. Ronaldo Fiani

FEVEREIRO 2018

As opiniões expressas neste trabalho são da exclusiva responsabilidade do autor

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Arturo e Eliane, por todo amor, incentivo e conselhos dados durante toda essa caminhada. Mais além, por sempre terem buscado me propiciar uma educação de qualidade e uma criação íntegra.

Também não poderia deixar de agradecer a minha avó, Neuza, que, de sua forma peculiar, sempre fez o possível para que meu foco em fechar esse ciclo acadêmico estivesse ileso, sem demais perturbações.

Aos Meus tios, Rosendo e Wagner, por terem me influenciado na escolha da economia como estudo, além das conversas sempre muito frutíferas sobre o tema e por todos os conselhos que amortizaram qualquer tipo de dificuldade inerente a graduação.

Aos meus (muitos) companheiros de IE, de congressos e de jogos, que propiciaram anos inesquecíveis e de muitas histórias pra contar. Cada resenha do entre aulas ou pós-aulas, ainda que pudessem parecer bobas, tiveram seu contributo na minha formação acadêmica e pessoal.

Aos meus companheiros de matrícula, um especial agradecimento. Sem dúvidas, essa experiência só foi enriquecedora do jeito que foi por vocês, com vocês.

Não poderia deixar de agradecer a todos os funcionários e, sobretudo, aos professores que passaram pela minha vida dentro do Instituto de Economia. A contribuição de todos foi essencial, sobretudo a do meu orientador Ronaldo Fiani, no qual me deu a oportunidade de cursar quatro cadeiras por ele ministradas, além de ter me sugerido o tema referido dessa monografia.

Por fim, meu agradecimento recai sobre o professor Murillo Cruz. Sua heterodoxia é, mais do que relevante, necessária. Tanto suas aulas como as conversas após as mesmas, contiveram ensinamentos e reflexões que ajudaram a moldar meu intelecto.

RESUMO

A presente monografia busca discorrer sobre algumas das teorias de geopolítica surgidas no século XX, a começar pela teoria do Heartland de Halford Mackinder. Mais além, busca-se estabelecer relações entre essa teoria e duas das demais teorias que o sucederam no pensamento geopolítico norte-americano. Nesse aspecto, as teorias de Nicholas Spykman e Zbigniew Brzezinski serão abordadas sobre uma perspectiva mackinderiana, a fim de evidenciar a influência do autor britânico nos demais. Dessa forma, o plano histórico gira em torno do século XX e acompanha os principais eventos ocorridos no mesmo, tais como a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a Guerra das Coreias, a Guerra Fria e a dissolução da União Soviética.

ABSTRACT

This monograph aims to discuss some of the geopolitical theories emerged in the 20th Century, starting with the Heartland Theory by Sir Halford Mackinder. Furthermore, it seeks to establish relations between this theory and two of the other theories that succeeded it in American geopolitical thinking. In this respect, the theories of Nicholas Spykman and Zbigniew Brzezinski will be approached from a Mackinderian perspective in order to evidence the influence of the British author on the others. Thus, the historical plan revolves around the 20th century and following the major events that occurred in it, such as the First and Second World War, the Korean War, the Cold War and the dissolution of the Soviet Union.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – HALFORD MACKINDER E A TEORIA DO HEARTLAND	10
INTRODUÇÃO	10
1.1 A TEORIA DO HEARTLAND.....	11
1.2 O HEARTLAND APÓS A I GUERRA	14
1.3 A TEORIA DO HEARTLAND: VERSÃO FINAL	18
CONCLUSÃO	21
CAPÍTULO II – NICHOLAS SPYKMAN E A TEORIA DO RIMLAND	23
INTRODUÇÃO	23
2.1 RELEVÂNCIA E BASES TEÓRICAS.....	24
2.2 OS ESTADOS UNIDOS E A II GUERRA	26
2.3 A TEORIA DO RIMLAND.....	29
2.4 O PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	34
CONCLUSÃO	36
CAPÍTULO III – ZBIGNIEW BRZEZINSKI E AS FRENTES ESTRATÉGICAS BASILARES	38
INTRODUÇÃO	38
3.1 RELEVÂNCIA E BASES TEÓRICAS.....	39
3.2 O CONFRONTO AMERICANO-SOVIÉTICO	40
3.2.1 A LUTA PELA EURÁSIA: AS FRENTES ESTRATÉGICAS BASILARES.....	42
3.2. OS IMPERATIVOS GEOPOLÍTICOS AMERICANOS	45
3.3 O MUNDO UNIPOLAR E O GRANDE TABULEIRO	46
3.3.1 THE EURASIAN BALKANS	48
CONCLUSÃO	51
CONCLUSÃO.....	513
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	599

INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta monografia é discutir a apropriação intelectual geopolítica do pensamento de Halford John Mackinder por teóricos norte-americanos de geopolítica, mais especificamente Nicholas Spykman e Zbigniew Brzezinski, que o sucederam. O trabalho sustenta que, apesar de haver diferenças teóricas no pensamento dos autores que sucederam Mackinder, suas ideias foram usadas como base comum para formulação de suas respectivas teorias de geopolítica, ainda que por vezes o débito intelectual para com Mackinder seja omitido.

Um objetivo acessório desta monografia é, sob a luz da matriz geopolítica de cada um dos autores, vislumbrar a influência de suas teorias sobre a política externa norte-americana, nos seus respectivos tempos históricos. Mostrar-se-á quais os fundamentos por trás da estratégia de Contenção, empregada pelos Estados Unidos contra a União Soviética no período da Guerra Fria, assim como as bases que sustentam o acordo de cooperação militar entre Estados Unidos e Europa (OTAN), entre outras estratégias empregadas pelos Estados Unidos a partir do pós-Segunda Guerra.

O tema referido é especialmente importante uma vez que nos ajuda a compreender a complexidade dos últimos setenta anos, desde o pós-Segunda Guerra Mundial, passando pela Guerra Fria, e desembarcando no mundo unipolar capitaneado pelos Estados Unidos como resultado da dissolução da União Soviética em 1991. Através da matriz central geopolítica adotada pelos Estados Unidos, com suas bases provavelmente enraizadas nas mesmas concepções geopolíticas, podemos buscar compreender os eventos ocorridos na segunda metade do século XX, assim como as razões que justificam a ocorrência dos mesmos e seus objetivos geopolíticos.

Para atingir esses objetivos, a metodologia que será utilizada consiste na análise das teorias de três formuladores teóricos que supostamente influenciaram o pensamento geopolítico norte-americano, dentre eles Halford Mackinder, Nicholas Spykman e Zbigniew Brzezinski. Utilizar-se-á como fonte as próprias publicações dos respectivos autores, dentre livros e artigos, assim como de comentadores. A monografia está estruturada em três capítulos, além desta introdução e da conclusão.

O primeiro capítulo discorrerá acerca da teoria geopolítica de Halford John Mackinder. Iniciar-se-á com a contextualização do pensamento dominante de sua época, na qual poder era compreendido como poder marítimo. Em seguida, mostraremos as principais mudanças de perspectivas oriundas da obra de Mackinder, ressaltando seus conceitos básicos e sua relevância intelectual. Por fim, detalharemos seus principais conceitos geopolíticos e recomendações estratégicas para a manutenção da hegemonia do Império Britânico, o qual, além de seu país, era a potência mundial de sua época.

No segundo capítulo detalhar-se-á a teoria de Nicholas Spykman. Assim como para Mackinder, irá se ressaltar os principais conceitos básicos que norteiam sua teoria e sua relevância teórica. Buscar-se-á identificar as alterações que Spykman implantou em relação à teoria mackinderiana, principalmente no que tange ao “eixo mais estratégico”. Mais além, vislumbrar-se-á caracterizar a influência direta do pensamento spykmaniano sobre a teoria da Contenção exercida pelos Estados Unidos para com a União Soviética no pós-Segunda Guerra Mundial.

No terceiro capítulo busca-se esmiuçar a teoria de Zbigniew Brzezinski. Primeiramente, contextualizar-se-á o ambiente político que cerca o autor quando o mesmo torna-se influente. Em seguida, será apresentada a análise de Brzezinski sobre o conflito imperial da Guerra Fria, ressaltando suas características únicas e as estratégias a serem tomadas pelos Estados Unidos para saírem vitoriosos do confronto. Por fim, a teoria de Brzezinski é analisada sob o diferente paradigma do pós-Guerra Fria e, assim, do mundo unipolar capitaneado pelos Estados Unidos e seus inerentes desafios. Paralelos são feitos quanto à igualdade ou diferença do pensamento de Brzezinski com os demais autores abordados anteriormente.

Por fim, a conclusão tem por objetivo comparar os principais pontos da teoria geopolítica de cada autor, buscando suas similaridades e diferenças. A principal importância desse exercício é buscar uma matriz geopolítica comum no pensamento dos três autores destacados, evidenciando uma influência de Mackinder sobre os demais. Mais além, busca-se considerar as principais plataformas estratégicas dos Estados Unidos como resultado direto da teoria desses autores, respeitando seu tempo histórico e, assim, sua influência mais ou menos direta.

CAPÍTULO I – HALFORD MACKINDER E A TEORIA DO HEARTLAND

INTRODUÇÃO

Para que se possa vislumbrar a origem e compreender o fundamento das ações norte-americanas ao longo do século XX no que tange à política externa, é necessário que inicialmente se analise a teoria que, na primeira década do século XX, modificou a visão estratégica em voga no mundo e influenciou posteriormente outros autores fundamentais do pensamento estratégico norte-americano, como Spykman e Brzezinski, os quais serão analisados nos capítulos posteriores. Nesse contexto, este capítulo busca apresentar a Teoria do *Heartland*, ou teoria do poder terrestre, de Halford Mackinder, assim como considerar seus principais conceitos estratégicos e recomendações de política externa.

Na primeira seção deste capítulo introduzir-se-á os principais pilares teóricos de Mackinder. Através desses pilares teóricos, Mackinder altera por completo o pensamento estratégico até então dominante nos círculos políticos, evidenciando a originalidade de sua teoria. Ainda nesta seção, será apresentada a primeira formulação teórica de Mackinder, a Área Pivô, a qual é peça fundamental para a compreensão futura de sua teoria do poder terrestre.

Em seguida, na segunda seção deste capítulo, abordar-se-á as alterações feitas por Mackinder, à luz da Primeira Guerra Mundial, em sua ideia inicial de Área Pivô. Tais alterações se baseiam, não só em termos geográficos, mas também no nome dado por Mackinder a essa área mais estratégica. Além disso, serão expostos os demais conceitos formulados por Mackinder, os quais, inevitavelmente, fazem referência ao seu conceito inicial de Área Pivô ou *Heartland*, e as implicações da utilização de tais conceitos estratégicos pelos britânicos até a passagem de sua hegemonia para os americanos.

Na última seção desse capítulo, destacar-se-á a versão final do *Heartland* mackinderiano. Dessa forma, seus limites territoriais serão observados, assim como seus conceitos finais derivados dessa alteração no coração terrestre. Dessas últimas formulações teóricas observar-se-á algumas curiosidades que, se comparadas com a história, ilustrarão o pioneirismo de Mackinder em antever e influenciar os tomadores de decisão.

A conclusão desse capítulo discorrerá sobre toda a teoria mackinderiana do poder terrestre, ressaltando seu pioneirismo e pilares teóricos, assim como reforçará os seus conceitos-chaves. Por fim, busca-se com esses conceitos compreender os conselhos de Mackinder para a manutenção da hegemonia inglesa, conselhos estes que, posteriormente, a formulação do pensamento estratégico dos Estados Unidos em grande medida se apropriou.

1.1 A TEORIA DO HEARTLAND

A teoria do *Heartland* de Mackinder deve ser compreendida como uma teoria que se contrapõe ao paradigma de seu tempo, em oposição às ideias de Mahan. Para Mahan, o poder marítimo seria o cerne do poder estatal. Em contraposição a isto, Mackinder sustentava que, após a invenção das ferrovias, o poder terrestre superaria o poder marítimo estrategicamente em termos de projeção mundial. Mackinder formulou as bases de sua Teoria do *Heartland* em seu artigo *The Geographical Pivot of History*, em 1904. Reconhecidamente, Mackinder não formulou sua teoria de um ponto de vista puramente acadêmico, mas de um ponto de vista político. Ou seja, com o passar do tempo e com eventuais mudanças políticas, seu conceito central sofreu ajustes para que fosse melhor enquadrado naquele cenário. Segundo Fetweiss (2015, p.245) “[...] Mackinder was an imperialist, protectionist patriot, it is no coincidence that he developed theories primarily concerned with rising threats to the empire [...]”.

Para formular sua teoria, Mackinder usou três pilares centrais: primeiramente, já que via o mundo como um sistema político fechado, acreditava que a Grã-Bretanha deveria desempenhar um papel ativo e estratégico de forma a manter-se no poder; em segundo lugar, usou do conhecimento geográfico de sua época para mapear as regiões estratégicas do ponto de vista de recursos e capacidade militar; em terceiro lugar, dado que a Grã-Bretanha é uma ilha e sempre buscou “seapower”, tratou de definir qual poderia ser seu principal adversário terrestre e, assim, pensar uma estratégia que contivesse o mesmo, como explica Fetweiss (2003, p.120-121): “Mackinder echoed a long-standing British desire to see divisions in continental Europe, not only to maintain peace but also to prevent the emergence of a rival, who [...] might be able to rival the Royal Navy and threaten Britain itself”.

Para o autor, o mundo deveria ser visto de forma diferente da usual. Em vez de considerar três continentes: o continente Europeu, Asiático e Africano, Mackinder acreditava que todos faziam parte de um mesmo bloco denominado *World-Island*. Isso porque estavam ligados uns

aos outros se contrapondo ao outro continente, o Americano (América do Norte, América Central e América do Sul). Da mesma forma, o autor enxergava um só oceano, o *Great Ocean*. Dentro dessa mudança de macroestrutura, Mackinder reelabora o papel historicamente central da Europa em três aspectos distintos: histórico, geográfico e cartográfico. Segundo Mello (1999 p.42-43):

Historicamente, a evolução da civilização europeia deixa de ser vista como um processo endógeno e autocentrado – circunscrito inicialmente aos povos mediterrâneos e depois aos países atlânticos – para subordinar-se à dinâmica mais abrangente da história asiática. Geograficamente, a Europa deixa de ser enfocada como um continente à parte, separado da Ásia pela barreira dos Urais, para transformar-se numa das penínsulas da Eurásia. Cartograficamente, a Europa foi deslocada da posição axial que ocupava na projeção de Mercator, cedendo seu lugar à *Pivot Area*, a região basilar da massa terrestre eurasiática.

Em vista que o *World-Island* era o maior continente, espacial e demograficamente, Mackinder procurou em sua teoria compreender as possibilidades de um único país ou aliança deter o controle desse grande continente e, assim, do mundo. O domínio desse grande continente seria alcançado mais facilmente pelo país ou aliança que conseguisse dominar seu “coração”, o *Heartland* “[...] the state that dominated the Heartland would possess the necessary geopolitical and economic potential to ultimately control the world politics” (CHOWDHURY e HEL KAFI, 2015, p.3).

Assim, a Teoria do *Heartland* tem como seu conceito chave a área denominada por Mackinder de *Heartland*. Inicialmente, Mackinder em seu primeiro artigo *The Geographical Pivot of History* (1904) chamou essa região de Área Pivô. De acordo com Mackinder (1996, p.206):

The spaces within the Russian Empire and Mongolia are so vast, and their potentialities in population, wheat, cotton, fuel, and metals so incalculably great, that it is inevitable a vast economic world, more or less apart, will there develop inaccessible to oceanic commerce. [...] Is not the pivot region of the world's politics that vast area of Euro-Asia which is inaccessible to ships, but in antiquity lay open to the horse-riding nomads, and is today about to be covered with a network of railways? There have been and are here the conditions of a mobility of military and economic power of a far-reaching and yet limited character.

Essa área, para o autor, fazia parte, em grande medida, do território do Império Russo. Sendo assim, o mesmo era considerado o Estado Pivô de todo o mundo, pois, segundo Mackinder (1996, p.191):

Russia replaces the Mongol Empire. Her pressure on Finland, on Scandinavia, on Poland, on Turkey, on Persia, on India, and on China replaces the centrifugal raids of the steppe-men. In the world at large she occupies the central strategical position held by Germany in Europe.

Nesse caso, se entende como Estado-pivô a Área Pivô – em 1904, quando Mackinder formulou o conceito de Área Pivô, os limites geográficos dessa área estavam contidos dentro do território do Império Russo, ainda que não equivalesse por completo o mesmo – ou, como veremos mais a frente, o *Heartland*. Assim, o controle da Área Pivô ou o bloqueio do controle dessa área a um Estado ou Aliança, seria estrategicamente a melhor política a ser adotada para a manutenção da hegemonia britânica no mundo. A Área Pivô e seu posterior incremento de alguns territórios, que darão origem a descrição do *Heartland* mais difundida, podem ser visualizados na Figura I.1 abaixo:

FIGURA I.1



FONTE: http://www.ca-c.org/journal/2005/journal_eng/cac-04/02.megeng.shtml

Segundo o próprio Mackinder (1996, p.212) “The concept does not admit of precise definition on the map [...]”, ou seja, “O *Heartland* não tinha limites geográficos

rigorosamente demarcados sobre o mapa e sua extensão era ainda maior que a abarcada originalmente na *Pivot Area*” (MELLO, 1999, p.55).

1.2 O HEARTLAND APÓS A I GUERRA

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, “[...] a vitória do poder marítimo anglo-americano sobre o poder terrestre alemão [...] pareceu desmentir as reflexões teóricas do geógrafo britânico” (MELLO, 1999, p.53). Sendo assim, no pós-primeira guerra, Mackinder lança seu livro *Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction* (1919), com o intuito de defender sua tese e explicar o porque da mesma ser relevante. O autor atualiza a área mais estratégica – em face aos eventos ocorrido na Primeira Guerra Mundial – e agora a chama de *Heartland* “The word Heartland occurs once in the 1904 paper, but incidentally and as a descriptive and not a technical term. The expressions "pivot area" and "pivot state" were used instead [...]” (MACKINDER, 1996, p.197). Para Mackinder (1996, p.106):

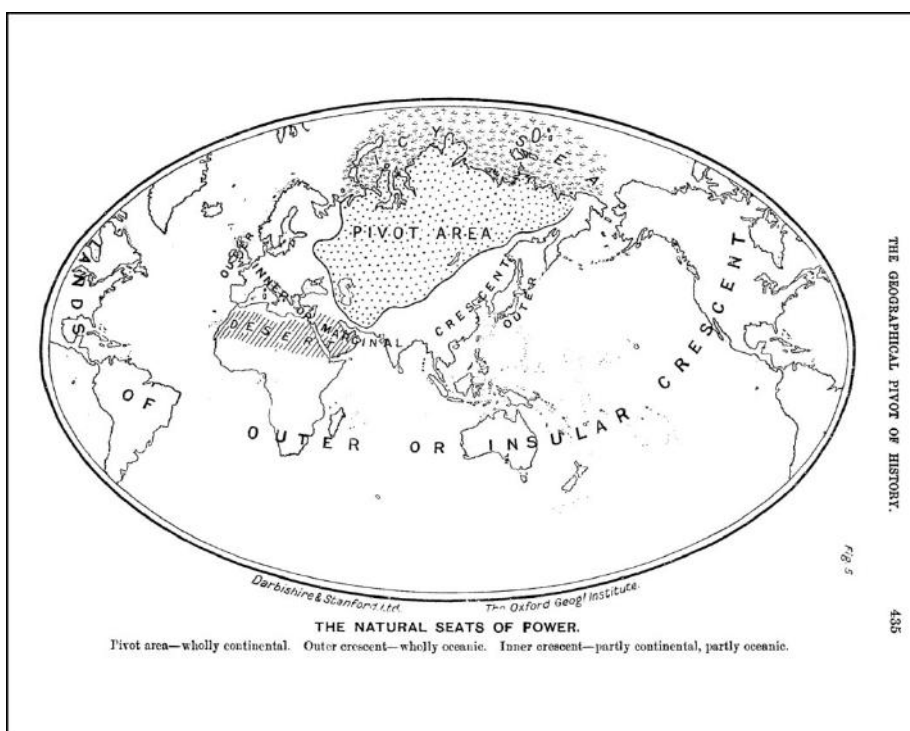
Had Germany elected to stand on the defensive on her short frontier towards France, and had she thrown her main strength against Russia, it is not improbable that the world would be nominally at peace to-day, but overshadowed by a German East Europe in command of all the Heartland [...]

Isto porque Mackinder via na Alemanha e na Rússia os dois poderes que nutriam sentimentos expansionistas e, inevitavelmente, convergiriam em um confronto. Se um dos países dominasse o outro, poder-se-ia assim controlar a Eurásia, uma vez que apenas a manutenção da rivalidade entre os mesmos garantia o equilíbrio político na Eurásia. Não existiriam outras potências europeias capazes de enfrentar com sucesso uma união Alemã-Russa, pois essa união daria um poder potencial em termos populacionais, recursos minerais e retaguarda militar para a Alemanha e uma saída para águas mais quentes por parte da Rússia, criando assim uma potencial força anfíbia que poderia suplantar o poder hegemônico britânico nos oceanos.

Dessa forma, “Diante do iminente reerguimento alemão e da sempre promessa russa, as dimensões da Área Pivô foram então ajustadas por Mackinder de forma a abarcar estes dois Estados-Pivôs” (ROCHA e ALBUQUERQUE, 2014, p.4). Segundo Mackinder (1996, p.78),

para efeitos estratégicos, o *Heartland* incluía “[...] the Baltic Sea, the navigable Middle and Lower Danube, the Black Sea, Asia Minor, Armenia, Persia, Tibet, and Mongolia. Within it, therefore, were Brandenburg-Prussia and Austria-Hungary, as well as Russia [...]” como podemos visualizar na Figura I.1,- Mackinder buscou sintetizar esse pensamento estratégico através de uma frase que se tornou célebre: “Who rules East Europe commands the Heartland. Who rules the Heartland commands the World-Island. Who rules the World-Island commands the World” (MACKINDER, 1996, p.106).

FIGURA I.2



FONTE: Mackinder (1996, p.190)

Como podemos identificar na Figura I.2, envolvendo o *Heartland* – o equivalente a *Pivot Area* em sua primeira formulação, em 1904 – há o *Inner Crescent* ou *Marginal Crescent*. Segundo Mackinder (1996, p.191) “Outside the pivot area, in a great inner crescent, are Germany, Austria, Turkey, India, and China [...]”. Como vimos, o *Heartland* para Mackinder é (1996, p.212) “[...] inaccessible from the ocean because it is cumbered with ice [...]” e “[...] flow across that plain some great navigable rivers [...] into inland waters, such as the Caspian, which have no exit to the ocean”, diferentemente das regiões que o rodeiam (*Inner Crescent*): “The east, south, and west of this heart-land are marginal regions, ranged in a vast crescent, accessible to shipmen” (MACKINDER, 1996, p.186).

Para entendermos a diferença entre o *Inner Crescent* e o *Heartland*, é necessário ter em mente que “Mobility upon the ocean is the natural rival of horse and camel mobility in the heart of the continent” (MACKINDER, 1996, p.187), na qual as áreas que permitem acesso a ambas as forças, terrestre e marítima, são os palcos desse confronto “The Nearer, Middle, and Far Eastern questions relate to the unstable equilibrium of inner and outer powers in those parts of the marginal crescent where local power is, at present, more or less negligible” (MACKINDER, 1996, 192). Dessa característica do *Inner Crescent* (de receber influência do poder terrestre e do poder marítimo) deriva sua importância estratégica, uma vez que a conquista de uma frente oceânica pela potência dominadora do *Heartland*, definiria o domínio do *World-Island*. Para Mackinder (1996, p.116):

The Greeks were the first of our seven peoples of the Middle Tier to achieve their emancipation from German control in this war for the simple reason that they are outside the Heartland and therefore accessible to sea-power. But in these days of submarines and aeroplanes, the possession of Greece by a great Heartland power would probably carry with it the control of the World-Island [...].

A Grécia procurou ter uma postura de neutralidade na Primeira Guerra Mundial, na qual culminou numa guerra civil entre apoiadores dos Impérios Centrais e apoiadores dos Aliados. Mackinder enfatiza que a Grécia foi o primeiro país a ser libertado do poder alemão uma vez que Constantino I (Rei da Grécia) que apoiava os Impérios Centrais fugiu e os apoiadores dos Aliados tomaram o poder. A Grécia se encontrava no Crescente Marginal, ou seja, sofria influência não só do poder terrestre, mas do poder marítimo. Nesse contexto, o poder marítimo dos Aliados conseguiu superar a influência terrestre e “libertá-la”. Entretanto, se a Grécia tivesse adentrado na guerra ao lado dos Impérios Centrais, a guerra poderia ter terminado de forma diferente. Isso porque, como cita Mackinder (1996, p.191-192):

The oversetting of the balance of power in favour of the pivot state, resulting in its expansion over the marginal lands of Euro-Asia, would permit of the use of vast continental resources for fleet-building, and the empire of the world would then be in sight.

Esse cinturão ao redor do *Heartland* serviria, então, como uma zona amortecedora, tanto de uma expansão do poder terrestre na ótica dos insulares, quanto de uma invasão dos insulares na ótica dos terrestres. Nas palavras de Mello “O controle do *Inner Crescent* pelas potências insulares ou o veto destas ao seu domínio por uma potência continental assegurava o equilíbrio de poder na Eurásia e a hegemonia mundial do poder marítimo” (1999, p.47).

Mackinder buscava manter o equilíbrio de poder na zona do *Heartland* de modo que a Grã-Bretanha não tivesse um adversário potencialmente à sua altura que ameaçasse sua hegemonia “West Europe, both insular and peninsular, must necessarily be opposed to whatever Power attempts to organize the resources of East Europe and the Heartland” (MACKINDER, 1996, p.116). Identificava no expansionismo alemão e russo as principais ameaças ao controle do grande continente (*World-Island*) no qual se deveria evitar, a todo custo, que um país dominasse o outro “You must have a balance as between German and Slav, and true independence of each. You cannot afford to leave such a condition of affairs in East Europe and the Heartland, as would offer scope for ambition in the future [...]” (MACKINDER, 1996, p.106). Para a contenção do avanço de ambas as potências, Mackinder (1996, p.111) afirma “[...] we must settle this question between the Germans and Slavs, and we must see to it that East Europe, like West Europe, is divided into selfcontained nations”. Em resumo, para Mackinder, “It is a vital necessity that there should be a tier of independent states between Germany and Russia” (MACKINDER, 1996, p.111-112).

Mais além do *Inner Crescent*, como podemos visualizar na Figura I.2, Mackinder formulou seu conceito de *Outer Crescent* ou *Insular Crescent*. Esse cinturão viria a ser a região composta pelas ilhas circundantes do continente Eurásiano “Outside the pivot área [...] in an outer crescent, Britain, South Africa, Australia, the United States, Canada, and Japan” (MACKINDER, 1996, p.191). Segundo Cairo (2008, p.3) “O cinturão exterior (*Outer Crescent*), as ilhas e continentes situados para além da Eurásia, seriam o âmbito espacial “natural” da potência marítima”. Após as Guerras Napoleônicas, como nos conta Mackinder “British sea-power encompassed, almost without competition, that great world-promontory which stands forward to the Cape of Good Hope from between Britain and Japan” (1996, p.41). Historicamente, as descobertas das rotas marítimas para as Índias tiveram papel chave para conter o expansionismo terrestre que partia do coração continental. Como nos conta Mackinder (1996, p.187):

The all-important result of the discovery of the Cape road to the Indies was to connect the western and eastern coastal navigations of Euro-Asia, even though by a circuitous route, and thus in some measure to neutralize the strategical advantage of the central position of the steppe-nomads by pressing upon them in rear.

A importância do *Inner Crescent* para as potências marítimas do *Outer Crescent* reside no fato daquela área ser uma zona de influência, não só da potência terrestre, mas também da

potência marítima “[...] sea power must in the final resort be amphibious if it is to balance land power” (MACKINDER, 1996, p.202). Em referência a isso, Mackinder (1996, p.192) questiona “May not this in the end prove to be the strategical function of India in the British Imperial system?” Isto é evidenciado quando Mackinder olha para a história e analisa a rivalidade Russo-Britânica no século XIX. Segundo Mackinder (1996, p.95-96):

Russia, in command of nearly the whole of the Heartland, was knocking at the landward gates of the Indies. Britain, on the other hand, was knocking at the sea gates of China, and advancing inland from the sea gates of India to meet the menace from the northwest. Russian rule in the Heartland was based on her man-power in East Europe, and was carried to the gates of the Indies by the mobility of the Cossack cavalry. British power along the sea frontage of the Indies was based on the manpower of the distant islands in West Europe, and was made available in the East by the mobility of British ships.

1.3 A TEORIA DO HEARTLAND: VERSÃO FINAL

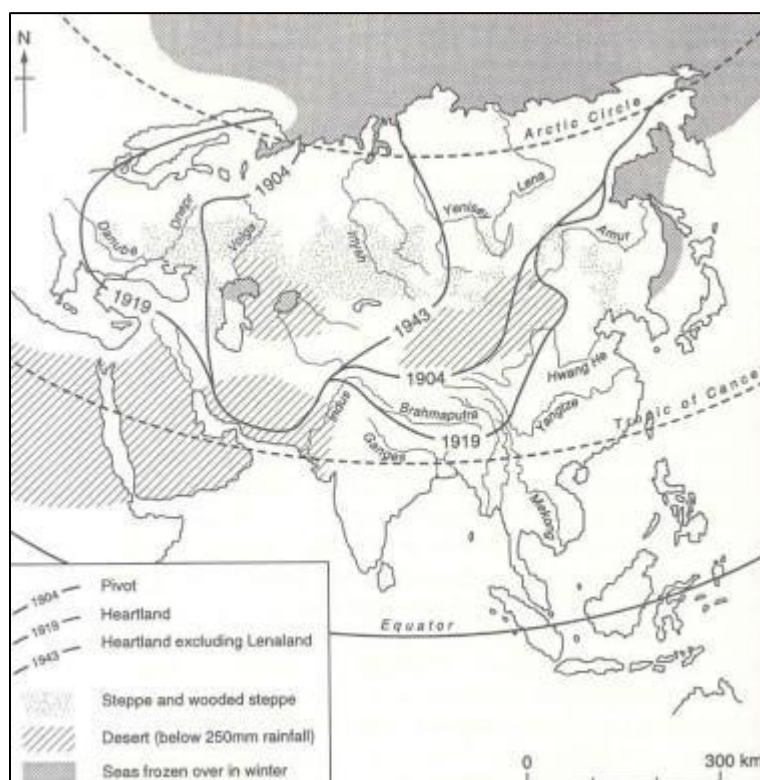
Em 1943, em seu último livro intitulado “*The Round World And The Winning Of The Peace*”, Mackinder formula sua terceira versão, na qual, não só o *Heartland* sofre mais uma alteração, como um novo conceito estratégico é apresentado. Mackinder identifica no extremo oriente do *Heartland*, ainda no território russo, uma região chamada pelo autor de *Lenaland*. Segundo Mackinder (1996, p.198-199):

Lenaland Russia has an area of three and three-quarter million square miles, but a population of only six millions, of whom almost five millions are settled along the transcontinental railroad from Irkutsk to Vladivostock. In the remainder of this territory there are on the average over three square miles for every inhabitant. The rich natural resources – timber, water power and minerals – are as yet practically untouched

Mackinder, então, exclui a Lenalândia do *Heartland* e, assim, altera mais uma vez a configuração estratégica do poder terrestre. Nas palavras de Mackinder (1996, p.198):

[...] let us draw a direct line, some 3,500 miles long, westward from Bering Strait to Rumania. Three thousand miles from Bering Strait that line will cross the Yenisei River, flowing northward from the borders of Mongolia to the Arctic Ocean. Eastward of that great river lies a generally rugged country of mountains, plateaux and valleys, covered almost from end to end with coniferous forests; this I shall call Lenaland, from its central feature, the great River Lena. This is not included in Heartland Russia

FIGURA I.3

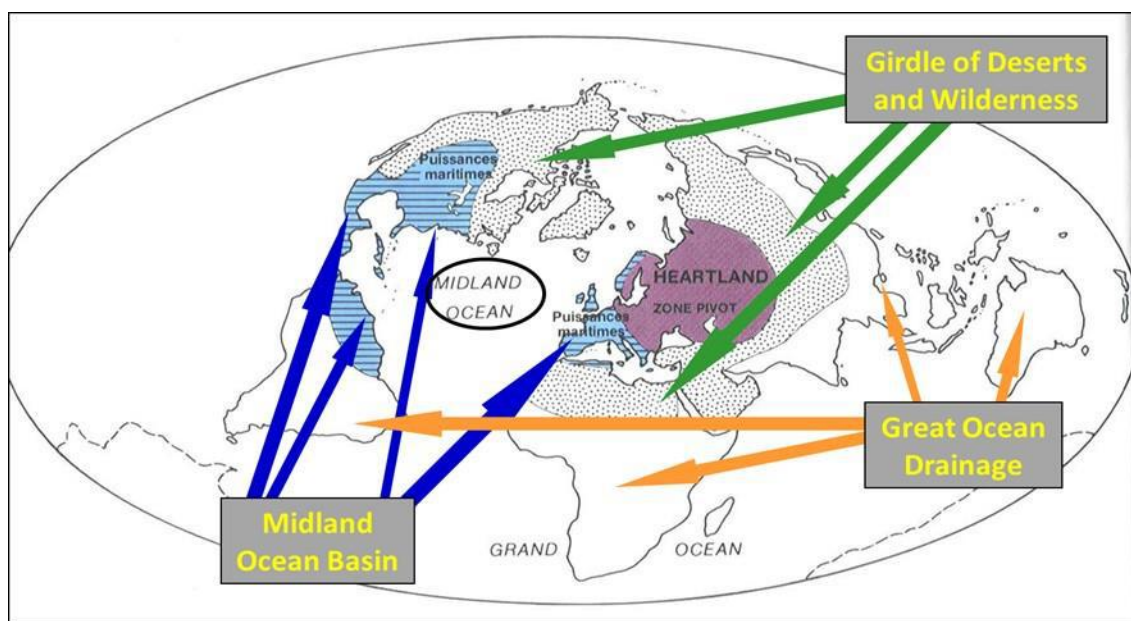


FONTE: Parker (1985, p.123)

Como podemos observar na Figura I.3, a parte siberiana, basicamente, da Rússia foi excluída do coração terrestre. Segundo Mackinder (1996, p.199) “West of the Yenisei lies what I have described as Heartland Russia, a plain extending 2,500 miles north and south and 2,500 miles east and west. It contains four and a quarter million square miles and a population of more than 170 millions”. Não havendo qualquer outra variação no *Heartland*, a Lenalândia ganha o papel de *natural bulwarks*, assim como “[...] the “inaccessible” Arctic coast [...] and the fringe of mountain from the Altai to the Hidu Kush, backed by the Gobi, Tibetan, and Iranian deserts” (MACKINDER, 1996, p.199-200). Como veremos na Figura I.4 a seguir, a identificação por Mackinder dessas áreas que formavam uma fortaleza natural ao redor do mundo, traz uma nova perspectiva para o autor. Segundo Mackinder (1996, p.202):

[...] a girdle, as it were, hung around the north polar regions. It begins as the Sahara desert, is followed as one moves eastward by the Arabian, Iranian, Tibetan and Mongolian deserts, and then extends by way of the wildernesses of Lenaland, Alaska and the Laurentian shield of Canada, to the sub-arid belt of the western United States.

FIGURA I.4



FONTE: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/914>

Essa região era, basicamente, uma região de deserto, notadamente nas regiões mais próximas do Trópico de Câncer, tais como o Saara, a Mongólia e a região oeste dos Estados Unidos, e de regiões inóspitas caracterizadas pelo clima extremamente frio e com grande parte de suas terras congeladas, tais como a parte norte do Canadá, a Sibéria e o Alasca. Mackinder reconhece que, com o advento da aviação, essas fortalezas naturais não continuariam necessariamente isoladas, mas identifica uma descontinuidade social nessas regiões em relação às demais regiões do mundo (MACKINDER, 1996).

Através da identificação desse cinturão natural que dividia o mundo, Mackinder formula o conceito de *Midland Ocean*. O *Midland Ocean* ou Atlântico Norte seria o conjunto dos países banhados pelo Atlântico norte e suas zonas adjacentes. Esse conceito foi formulado em tempos de guerra, nos quais Mackinder identificava que o continente Americano teria força suficiente para rivalizar com a Alemanha o controle da Eurásia desde que contasse com o apoio das áreas costeiras europeias – que seriam usadas para desembarque de tropas e poder anfíbio – e de uma potência terrestre que cercasse a Alemanha do outro lado – notadamente a União Soviética. As características principais dessa área “mediterrânea” estão descritas por Mackinder (1996, p.204) como sendo:

[...] a bridgehead in France, a moated aerodrome in Britain, and a reserve of trained manpower, agriculture and industries in the eastern United States and Canada. So far as war-potential goes, both the United States and Canada are Atlantic countries, and since instant land-warfare is in view, both the bridgehead and the moated aerodrome are essential to amphibious power.

Assim, uma potência que dominasse o Atlântico Norte seria capaz de bloquear a conquista do *World-Island* pela potência do coração continental: “Within it lie two related features of almost equal significance: the Heartland, and the basin of the Midland Ocean (North Atlantic) with its four subsidiaries (Mediterranean, Baltic, Arctic and Caribbean Seas)” (1996, p.202). O cenário onde se daria esse confronto entre *Midland Ocean* e *Heartland* seria o leste europeu, reforçando sua previsão de 1919 que “quem domina o leste europeu, domina a ilha mundial”. Isso porque, para Mackinder (1996, p.203) “The girdle is incomplete, however because of an open gateway, a thousand miles wide, admitting from Peninsular Europe into the interior plain through the broad isthmus between the Baltic and Black Seas”.

CONCLUSÃO:

Como salienta Mello (1999, p.12) “[...] Mackinder é hoje considerado um clássico nos campos da geopolítica e da estratégia. [...] a visão continentalista mackinderiana produziu também uma verdadeira “revolução copernicana” na estratégia em voga desde o século XIX”. Segundo Fettweis (2003, p.111) “Mackinder invented what would perhaps better be considered geo-strategy, which envisions the entire world as a battlefield and tries to find the most advantageous position during the inevitable and ongoing struggle for global dominance”. Esse pensamento de Mackinder é derivado de dois pilares básicos de sua teoria: o determinismo geográfico e a visão de mundo como um sistema político fechado.

A essa posição mais vantajosa, Mackinder chamou de *Heartland*: “Além da Sibéria, Mongólia, Tibete e Pérsia, o *Heartland* incluía a Europa Oriental até as margens do Rio Elba e do baixo Danúbio” (MELLO, 1999, p.55) (ver Figura 1.1). Segundo Fettweis (2015, p.234) “Geographic constants would bless any power in control of this “heartland” with the most advantageous position from which to project power over the Eurasian landmass and, ultimately, the entire world”. Dessa forma “Mackinder echoed a long-standing British desire to see divisions in continental Europe [...] to prevent the emergence of a rival, who, with the combined resources of the entire continent, might be able to rival the Royal Navy and threaten Britain itself” (FETTWEIS, 2003, p.120-121). Com o intuito de prevenir o surgimento de uma

potência terrestre capaz de rivalizar o poder marítimo britânico “[...] the strategy of the British Empire had to be to prevent, at all costs, a convergence of interests between the nations of Eastern Europe — Poland, Czechoslovakia, Austria-Hungary — and the Russia-centered Eurasian ‘Heartland.’” (ENGDAHL, 2009, p.16).

Essa prevenção via contenção do expansionismo da potência terrestre do *Heartland* ocorreria nas áreas que fossem comuns, tanto ao poder terrestre, quanto ao poder marítimo. A esse cinturão que está entre o poder naval e o *Heartland*, Mackinder chamou de Crescente Marginal ou Crescente Interior (ver Figura I.2). Segundo Engdahl “He placed Germany, Austria, Turkey, India and China — lands immediately adjacent to the pivot region — in an ‘inner crescent’ around the Heartland or pivot state” (2009, p.13). Essa região “[...] corresponde ao espaço natural de expansão do poder terrestre, desejando projetar-se também enquanto poder anfíbio e, ao mesmo tempo, representa a primeira linha de defesa do poder marítimo” (BRIGOLA e ALBUQUERQUE, 2009, p.56). Ao cinturão que compunha as regiões posteriores ao Crescente Marginal, Mackinder nomeou de Crescente Externo ou Crescente Insular (ver Figura I.2). Essa região, composta basicamente pela “[...] Inglaterra, Estados Unidos e Japão, além dos domínios britânicos do Canadá, África do Sul e Austrália”, basicamente, “[...] corresponde à área de domínio do poder marítimo [...]” (BRIGOLA e ALBUQUERQUE, 2009, p.56).

Como último conceito que norteia sua teoria, Mackinder em seu último trabalho intitulado *The Round World and the Winning of the Peace*, de 1943, desenvolve a ideia de *Midland Ocean* ou Atlântico Norte. No contexto da Segunda Guerra Mundial, Mackinder via que somente uma aliança formada pelos países que compunham a Bacia do Atlântico Norte poderia contrapor o domínio do Heartland, juntamente com o poder terrestre russo que, assim, cercaria as Potências do Eixo. Nesse contexto “[...] it will be necessary in the first place that there be effective and lasting cooperation between America, Britain and France [...]” (MACKINDER, 1996, p.201), no qual os Estados Unidos seria a retaguarda defensiva, a Inglaterra um *moated forward stronghold* e a França a cabeça de ponte para desembarque de tropas para o confronto. Assim, não é exagero afirmar que Mackinder antecipou o “Dia D” que selou os rumos da Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO II – NICHOLAS SPYKMAN E A TEORIA DO RIMLAND

INTRODUÇÃO

Depois da apresentação das ideias de Mackinder no Capítulo I, este capítulo busca adentrar no pensamento geoestratégico de um dos mais conceituados geógrafos e estrategistas americanos: Nicholas Spykman. A importância da análise de sua teoria se dá, principalmente, por Spykman ser um dos primeiros, se não o primeiro, geopolítico norte-americano relevante. Nesse contexto, é de se esperar que se possa, através da compreensão de sua teoria, entender alguns eventos históricos tais como a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, a Guerra da Coreia e, principalmente, a evolução da política externa norte-americana e seus desdobramentos no período do pós-Segunda Guerra Mundial.

Na primeira seção desse capítulo busca-se destacar a relevância da teoria de Spykman para o entendimento dos acontecimentos políticos internacionais. Além disso, irá se introduzir as bases teóricas que sustentam o pensamento spykmaniano, assim como foi feito no caso de Mackinder. A explanação acerca desses pilares teóricos é relevante, sobretudo, para que se possa observar de forma mais clara o caminho que levou Spykman a chegar a suas conclusões teóricas.

Por sua vez, a segunda seção deste capítulo abordará as impressões de Spykman sobre a Segunda Guerra Mundial. Através dessas considerações, Spykman visualiza grandes mudanças a partir desta guerra, especificamente, mudanças que alterariam a validade de formulações teóricas dos autores que o antecederam. Outro ponto importante em sua análise sobre a Segunda Guerra Mundial é a mudança do pensamento norte-americano com relação ao seu papel como ator político mundial.

Na terceira seção desse capítulo busca-se comentar sobre a principal contribuição teórica de Spykman: a Teoria do *Rimland*. Nesse aspecto, os principais conceitos teóricos que essa teoria abarca serão discutidos, além de se destacar as regiões contidas em cada um desses conceitos. Mais além, irá se destacar o que levou Spykman a formular essa teoria e quais suas recomendações para a política externa norte-americana à luz dessa teoria.

Na quarta seção desse capítulo, busca-se mostrar como Spykman projetava o mundo no pós-Segunda Guerra Mundial. A partir disso, Spykman observa quais deveriam ser as

estratégias americanas para que os Estados Unidos pudessem desfrutar de uma posição de liderança no mundo político, sobretudo em relação ao equilíbrio de poder na Europa e na Ásia.

Por fim, na conclusão desse capítulo será apresentada uma síntese da contribuição de Spykman para a discussão geopolítica. Mais além, ênfase será dada nas recomendações de Spykman para o pós-Segunda Guerra Mundial e nas medidas que foram tomadas pelos Estados Unidos nos anos seguintes ao fim da guerra.

2.1 RELEVÂNCIA E BASES TEÓRICAS

Nicholas John Spykman (1893 – 1943) foi geógrafo americano nascido na Holanda, mas que estudou na Universidade da Califórnia e, posteriormente, foi professor da Universidade de Yale. Spykman escreveu dois livros, o primeiro *America's Strategy in World Politics* publicado em 1942 e o segundo *The Geography of the Peace*, publicado após sua morte, em 1944. A relevância de Spykman reside no fato de que “não há dúvida que Nicholas Spykman foi o pai da "escola geopolítica norte-americana”” (FIORI, 2007, p.1). Quanto à teoria spykmaniana, “[...] chama atenção [...] a semelhança entre suas propostas estratégicas e a política externa que os Estados Unidos adotaram efetivamente, durante a segunda metade do Século XX, na Europa, Ásia e América” (FIORI, 2007, p.1).

Da mesma forma, observa Fettweis o paralelo entre a importância de Mackinder e Spykman: “Some have argued that Mackinder and Spykman were major intellectual architects of international politics in the twentieth century, heavily influencing the development of great power strategy during both World War II and the Cold War” (FETTWEIS, 2015, p.3). Nesse contexto, depois de discorrida a teoria de Mackinder no capítulo I, é fundamental, para que se possa compreender os desdobramentos políticos internacionais do século XX, que se analise agora a teoria de Spykman. Spykman e Mackinder partem de alguns pilares teóricos semelhantes, destacadamente: o determinismo geográfico, a rivalidade histórica entre oceanismo *versus* continentalismo e o sistema político fechado.

Em relação ao determinismo geográfico, Spykman afirma que “Geography is the most fundamental factor in the foreign policy of states because it is the most permanent” (SPYKMAN, 1942, p.41). O fator geográfico, além de ser o mais permanente, interfere em

uma série de outras questões relevantes. Essas questões são detalhadas por Spykman (1942, p.41-42):

The size of national domain affects the relative strength of a state in the struggle for power. Natural resources influence population density and economic structure which define vulnerability to blockade. Location with reference to the Equator and to oceans and land masses determines nearness to center of power, areas of conflict, and routes of communication; and location with reference to immediate neighbors defines position in regards to potential enemies and the basic problems of territorial security. [...] All descriptions of the power position of a state must, therefore, begin with an analysis of its geography.

Quanto à oposição entre “oceanismo” e “continentalismo”, Spykman analisa o passado para confirmar essa rivalidade. No século XIX, segundo Spykman (1942, p.182-183) “One of the basic patterns in the politics of the Old World during the last century was the opposition between British naval power operating along the circumferential sea route and Russian land power trying to smash an opening through the encircling ring”. Entretanto, após o primeiro Tratado Britânico-Japonês, “[...] the two island empires operating from opposite flanks of the Eurasian continent shared the burden. Japan undertook to guard the exits to Pacific, Great Britain those to the Atlantic and Indian oceans” (SPYKMAN, 1942, p.183).

Entretanto, com a Segunda Guerra Mundial como pano de fundo, Spykman, diferentemente de Mackinder, dá grande valor ao poder aéreo, caracterizando as guerras modernas como guerras tridimensionais. Ademais, Spykman credita ao poder aéreo mais importância do que o poder naval, uma vez que “[...] naval victories under conditions of modern warfare demand air superiority [...]” (SPYKMAN, 1942, p.161). Com o advento das bases aéreas terrestres, uma frota menor teria mais chance de defender seu território, fazendo com que uma maioria oceânica não fosse mais garantia de vitória. “Mere command of the sea in terms of naval superiority is no longer enough to dominate an area and invasion has become even more difficult than it was already” (SPYKMAN, 1942, p.161).

Por fim, outro pilar teórico de Spykman alinhado com a visão mackinderiana é a visão de mundo como um sistema político fechado. Spykman afirma que “Any war that affects the power relations between great states in one zone inevitably affects the power relations in all others” (SPYKMAN, 1942, p.165). Sendo assim, “No great state can afford to conduct regional foreign policies as if the different continents of the world consisted of water-tight compartments” (SPYKMAN, 1942, p.165). Spykman defende então uma política externa

ativa, analogamente a Mackinder, com o intuito de manter ou garantir a supremacia estadunidense, assim como Mackinder buscava manter a supremacia britânica.

2.2 OS ESTADOS UNIDOS E A II GUERRA

A geografia para Spykman, assim como para Mackinder, fornecia sólidas e importantes informações acerca do mundo político. Spykman começa sua teoria compreendendo a relação das massas de terra distribuídas no mundo como ilhas-continente separadas por um mesmo oceano “Since the piercing of the Old and the New Worlds by the canals of Suez and Panama, the great land masses on the earth’s surface consist of five continental islands” (SPYKMAN, 1942, p.42). No entanto, separava as mesmas através de sua localização em relação ao hemisfério norte e sul. Como afirma Spykman (1942, p.42):

The three which lie in the Southern Hemisphere, Australia, South America, and Africa, are true islands which permit of circumnavigation. The two which are situated in the Northern Hemisphere, North America and Eurasia, although true island in a geographic sense, function in terms of navigation as peninsulas because of the ice cap in the North Polar Sea. Of these two northern continents, Eurasia is by far the larger.

As realidades geográficas sustentavam a ideia de Spykman de que o mundo político no hemisfério norte, diferentemente do hemisfério sul, é, e sempre será, o mais relevante. A história, segundo Spykman, sempre foi feita nas zonas temperadas e, como o hemisfério sul tem poucas terras nessa zona (temperada), nunca foi e nunca será verdadeiramente relevante no mundo político. Segundo Spykman (1942, p.42):

[...] history is made in the temperate latitudes, and, because very little of the land mass of the Southern Hemisphere lies in this zone, history is made in the temperate latitudes of the Northern Hemisphere. [...] From an economic, political, and military point of view the northern half of the world will always be more important than the southern half, and relations between various continents of the northern half will have more influence on the history of the world than relations across the Equator on the same continent.

Para Spykman, os Estados Unidos ocupava uma posição única no mundo, na qual detinha uma grande massa de terra de dimensões continentais que automaticamente implicava uma grande força econômica. Além disso, segundo Spykman (1942, p.43):

Fronting on two oceans, the United States has direct access to the most important trading arteries of the world. Her domain is situated between two clusters of dense population in Western Europe and Eastern Asia and, therefore, between the most important economic, political, and military zones.

FIGURA II.1



FONTE: <https://br.pinterest.com/siteations/cold-war-cold-latitudes-cool-cartographies/>

Vista de uma projeção polar (ver Figura II.1), as realidades geográficas completavam a crença de Spykman sobre a maior importância das regiões localizadas no Hemisfério Norte. Isso porque essa projeção mostra a concentração das massas terrestres no Hemisfério Norte e a dispersão das massas terrestres no Hemisfério Sul. Sendo assim, “This type of map clearly indicates that the northern continents, in terms of ocean distances, are much closer together than the southern continents” (SPYKMAN, 1942, p.178). Essa constatação leva Spykman a conclusão de que “The relations between North America and the two sides of the Eurasian continent are the base lines of world politics [...]”.

Spykman formulou suas ideias enquanto a Segunda Guerra Mundial acontecia. Nesse contexto, um grande debate entre intervencionistas e isolacionistas se deu nos Estados Unidos. Spykman se manteve ao lado dos intervencionistas, uma vez que acreditava que “Isolation was valid when Europe was in balance, as it was valid for Britain when the continent was balanced” (SPYKMAN, 1942, p.123). Esse debate se deu principalmente devido à força marítima do Japão, no Extremo Oriente, e à força terrestre da Alemanha na Europa Ocidental. Dessa forma, o debate acabou sendo ganho pelos intervencionistas resultando, como se sabe, na entrada dos Estados Unidos na guerra ao lado dos Aliados.

Com relação ao flanco leste dos Estados Unidos, ou seja, a Europa Ocidental, segundo Spykman (1942, p.98) “England can function as a barrier against continental threats to the Western Hemisphere [...]”. Conforme os anos de Guerra se estendiam e a Inglaterra era incapaz de conter o avanço continental alemão, assim como ficava mais suscetível sua conquista pela Alemanha, a posição relativa de poder americano ficava mais ameaçada. Segundo Spykman (1942, p.122-123) “If Germany can defeat Great Britain, her domination of Europe will be assured and with that domination will come free access to the oceans and world power”. Isso porque “[...] the integration of the whole Europe including British Islands into a single political unit able to express its total economic potential in naval strength would seriously diminish our own relative power” (SPYKMAN, 1942, p.123). Dessa forma, o papel chave da Inglaterra era ressaltado e se justificava o alinhamento Americano com a mesma.

Já no flanco oeste Americano, isto é, no Extremo Oriente, o Japão ameaçava controlar toda a região. O expansionismo japonês colocava em cheque o equilíbrio de poder na região, na qual a posição dos Estados Unidos no mundo seria bastante afetada. Como nos conta Spykman (1942, p.155) “It would involve the loss of the Philippines, Guam, and probably Samoa. It would end the “Open Door” in China and make us dependent on Japanese good will for strategic raw materials [...]”. Para conter o Japão, a estratégia Americana consistia em “[...] restraining japan by the individual or collective action of non-Asiatic powers, or building up local states as a counterbalance to the dynamic expansion of the Empire of the Rising Sun”. Sob essa ótica, a China desempenhou grande papel resistindo à dominação nipônica, assim como a força potencial da então União Soviética em sua parte asiática, equilibrando a região. Tais questões justificavam o alinhamento americano com os Aliados, nesse caso, especialmente a União Soviética.

Nesse contexto, os Estados Unidos se juntaram aos Aliados na Segunda Guerra Mundial, possivelmente não por outro motivo que não fosse o seu próprio interesse estratégico. O receio americano era, principalmente, ter que lutar uma guerra em suas próprias terras, em dois oceanos. A estratégia americana não poderia ser outra diferentemente do apoio aos Aliados e de entrar, formalmente, na guerra. Segundo Spykman (1942, p.179):

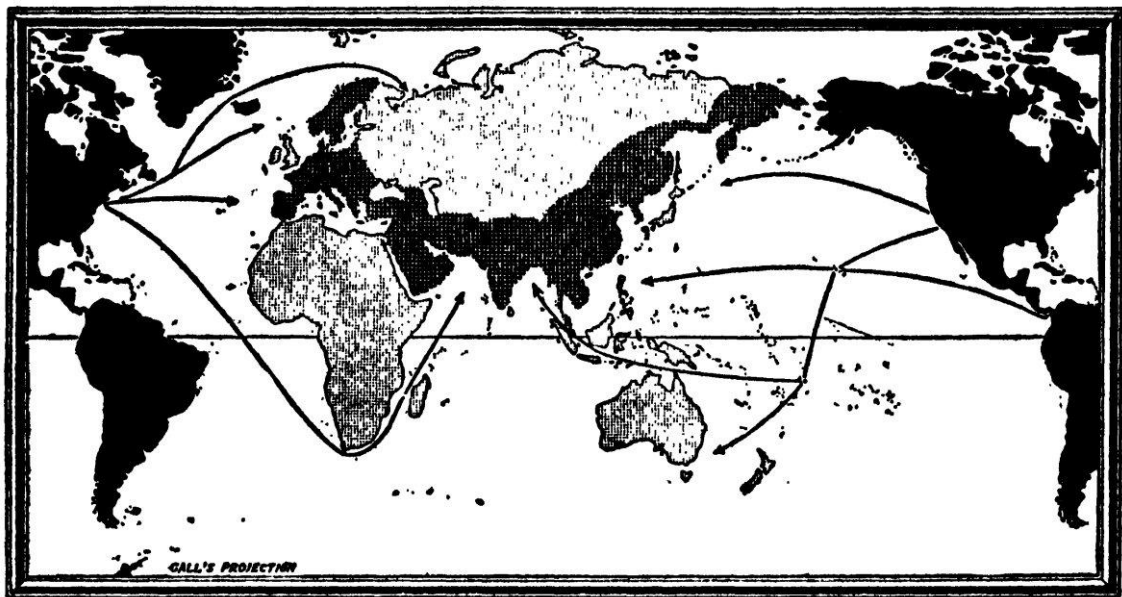
If [...] the Old World can be united or organized in such a manner that large masses of unbalanced power can become available for action across the ocean, the New World will be encircled and, depending on its powers of resistance, may have to submit to the dictates of the Old.

Sendo assim, a ajuda americana se dava, desde antes da declaração de guerra contra os países do eixo, em três frentes principais. Os Estados Unidos, segundo Spykman (1942, p.177) “[...] is aiding Great Britain across the eastern ocean, China across the western ocean, and Russia in the heart of the Eurasian land mass in order to preserve some balance of power”. Em dezembro de 1941, os Estados Unidos declaram guerra às potências do eixo e participa de forma efetiva ao lado dos Aliados.

2.3 A TEORIA DO RIMLAND

Tendo em vista que a Eurásia é a maior massa de terra presente no Hemisfério Norte e que abrigou a maior parte dos conflitos ocorridos na Segunda Guerra Mundial, essa região é, aos olhos de Spykman, chave para o jogo político mundial. Sob essa ótica, a análise de Spykman tem como pano de fundo a própria Eurásia, na qual seu controle obtido por um país ou aliança, assim como tentaram a Alemanha e o Japão na Segunda Guerra Mundial, poderia botar em cheque a posição de poder relativa dos Estados Unidos.

FIGURA II.2



FONTE: Spykman (1942, p.180)

Através da Figura II.2, conseguimos visualizar as regiões que compõem os conceitos que norteiam a teoria do *Rimland* de Spykman. Spykman distingue essas áreas através de suas realidades geopolíticas, muito influenciadas pelas suas características geográficas. Essas regiões são destacadas como “[...] the heartland of the northern continent, the encircling buffer zone, the marginal seas, and the outlying continents of Africa and Australia” (SPYKMAN, 1942, p.180).

O *heartland* euroasiático é a área central da massa continental “The inner zone around which the others are grouped is the central core of the Eurasian heartland [...]” (SPYKMAN, 1942, p.180). A extensão territorial dessa região é descrita como sendo, segundo Spykman (1942, p.180):

Its coast line lies along the Arctic Ocean between the northern mountain ranges of Norway and the Anadir Mountains on the Chukotski peninsula of Siberia. Its enormous territory stretches from the Arctic Ocean down to an encircling mountain chain which begins in Europe with the Carpathians and includes the Balkans and the Anatolian, Iranian, and Afghanistan plateaus in the Near East. From there the barrier function is taken over by the Pamir Highlands, the Tien Shan range, the Altai Mountains, and the plateaus of Mongolia and Siberia east of Lake Baikal.

“For two hundred years [...] Russia has attempted to break through the encircling ring of border states and reach the ocean. Geography and sea power have persistently thwarted her” (SPYKMAN, 1942, p.182). Para Spykman, assim como para Mackinder, a força centrípeta do *heartland* sempre buscou se expandir e buscar saída para “águas quentes”. Entretanto, segundo Spykman (1942, p.183) “In the present phase of world history, the trend is in the opposite direction. It is the border zone that is encroaching on the heartland. In Europe, Germany is moving eastward and in Asia, Japan is moving westward”.

Ao fim da faixa terrestre da Eurásia, Spykman identifica a região dos mares marginais. Os mares marginais uniam as potências marítimas, insulares ou costeiras, uma vez que para Spykman (1942, p.1650 “Oceans are no barriers; they are routes for the thrusts of sea power as well as highways of commerce”. A região dos mares marginais consistia “[...] from Great Britain to Japan and between the northern continent and the two continents to the south, runs the great circumferential maritime highway of the world”. Ou seja, englobava os mares próximos a Eurásia, África e Austrália, dentre eles “[...] the Baltic and the North Sea; [...] the Red Sea; traverses the Indian Ocean [...] the East China Sea and the Sea of Japan [...] finally end in the Sea of Okhotsk” (SPYKMAN, 1942, p.181). Nesse contexto, “The north coasts of Africa and Australia are strategically part of the European and Asiatic Mediterranean and as such part of the maritime zone and circumferential highway” (SPYKMAN, 1942, p.181).

Quanto aos “outlying continents” da Austrália e da África, Spykman não dá tanto valor estratégico. Esses continentes são muito afastados um dos outros e “The rest of the two southern continents is separated from their northern coasts by broad desert belts” (SPYKMAN, 1942, p.181-182). Ou seja, a parte norte desses continentes pertencia à zona de influência marítima e a parte sul, separada da parte norte pelo cinturão dos desertos, se comportava como “separate islands”, pois não estariam conectados ao grande continente eurasiático. Segundo Spykman (1942, p.182) “Because they lack the man power and the resources that are necessary for the development of a war potential, they have been dominated by whoever could create naval supremacy in their coastal zones”.

Se observarmos a Figura II.2, veremos o último conceito de Spykman representados pela área destacada em preto, localizada entre o *heartland* da Eurásia e a região dos mares marginais e das ilhas distantes. Spykman descreve essa região em termos geopolíticos como “a great concentric buffer zone” que incluía “[...] Western and Central Europe; the plateau

countries of the Near East, Turkey, Iran and Afghanistan; Tibet, China, and Eastern Siberia; and the three peninsulas of Arabia, India, and Burma-Siam” (SPYKMAN, 1942, p.181). Segundo Spykman (1942, p.181) “In this border zone have developed all the great civilizations of the world except Egypt and Carthage on the southern littoral of the European Mediterranean and the early civilizations of Sumatra and Java on the southern littoral of the Asiatic Mediterranean”. Essa “border zone” representa o *Rimland*, conceito esse que destaca as áreas periféricas do continente Eurasiano.

Através da formulação desses conceitos (*heartland*, mares marginais, continentes distantes e *Rimland*) Spykman “[...] partiu das ideias de Halford Mackinder, mas modificou sua tese central [...]” (FIORI, 2007, p.1) contrapondo a ideia de Mackinder de que o país ou aliança que governasse o *Heartland* teria mais condições de controlar o mundo. Spykman acredita que o país ou aliança que governar o *Rimland* – região das fímbrias marítimas ou região costeira que permite um poder anfíbio (terrestre e marítimo) – teria mais chance de controlar o mundo. “Spykman minimiza o interesse no controle do coração continental. Para ele o anel continental (Rimland) é a área chave – que corresponde, grosso modo, ao cinturão interior de Mackinder [...]” (CAIRO, 2008, p.225). Essa mudança de paradigma estratégico, do *Heartland* para o *Rimland*, se dá por, ao menos, três grandes.

Como primeiro grande fator que justifica essa mudança está o baixo desenvolvimento da região do *heartland* eurasiático. Ao contrário do que pensava Mackinder, “[...] a zona do Heartland [...] não se convertera num polo econômico, não desenvolvera o sistema ferroviário em todas as direções, e as riquezas do solo e do subsolo não foram exploradas o suficiente para fortalecer a economia da região siberiana” (PENHA, 2007, p.147). Segundo Spykman (1942, p.182):

The heartland of the Eurasian Continent is the domain of the Union of Soviet Socialist Republics, the largest state in the world. Much of its territory is Arctic waste, desert zone, and inhospitable mountain range, but there remain vast areas suitable for agriculture and a subsoil rich in mineral resources. There is room for a population far beyond the present number of almost two hundred million and full application of western technology to the resources of the vast territory could develop an economy strong enough to support one of the great war machines of the twentieth century.

O segundo fator que contribuiu para a mudança de perspectiva de Spykman foi, como já discutido nesse capítulo, a identificação de que quase todas as grandes civilizações se

desenvolveram na região do *Rimland* e os movimentos de expansão ocorridos na Segunda Guerra Mundial. Quanto a esses movimentos, Spykman observou que as potências do *Rimland* buscaram se expandir em direção ao *heartland*, alterando a força centrípeta que sustentava a lógica mackinderiana de expansão. Nesse caso específico, no oeste europeu a Alemanha se expandia para leste e o Japão, no Extremo Oriente, se expandia a oeste. Grande parte da força dessas potências e das outras grandes civilizações se dá, pois as características geográficas da região do *Rimland* favorecem a expansão em duas frentes: terrestre e oceânica. Característica essa sempre buscada pela potência terrestre do *heartland*, notoriamente a Rússia, desde o tempo de Pedro, O Grande (SPYKMAN, 1942).

Outro fator decisivo para favorecer a importância do *Rimland* frente ao *heartland* foi a importância dada por Spykman para os oceanos. Não tanto em relação à força do poder naval – como vimos, com o advento do poder aéreo, Spykman atribui mais importância ao poder aéreo que ao naval – mas, principalmente, pelo fato de os oceanos conectarem todos os países litorâneos e, assim, representarem grande parte do comércio mundial. Sendo assim, “The power to control a route is the power to deny it to others” (SPYKMAN, 1942, p.103). A importância dos mares e desse controle naval está, sobretudo, bem descrita no trecho abaixo. Segundo Spykman (1942, p.103):

While the power to deny the use of a land route is accepted as the natural and obvious result of territorial sovereignty, the power to deny a sea route is felt as a denial of the freedom of the seas and something to be resented even if it places no obstacles to peaceful trade. The power to control a sea route or an inland or marginal sea such as the Mediterranean or the North Sea becomes the power to deny the littoral states their access to the oceans.

Nesse aspecto, Spykman parafraseia Mackinder – que anteriormente disse que quem controla o *Heartland* domina a Eurásia; quem domina a Eurásia controla o mundo – e afirma “Quem controla o *Rimland* domina a Eurásia; quem domina a Eurásia controla os destinos do mundo.” (SPYKMAN, 1944, p.43 apud MELLO, 1999, p.126).

Na região do *Rimland* se deu grande parte dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. Depois da região do *heartland* – região essa que se fosse conquistada por alemães e/ou japoneses configuraria no fim das ameaças terrestres e deixaria livre o caminho para ambos ameaçarem a supremacia americana do outro lado do oceano – a região mais estratégica era *the drainage area of the Indian Ocean*. Essa região, segundo Spykman (1942, p.183) “[...]”

includes the eastern coast of Africa, Southern Arabia, Iraq, and Syria and the Southern slopes of Iran and Afghanistan, as well as India and Burma, a narrow strip of Western Thailand and a coastal zone in the Great Sunda Islands and Western Australia”. Sua importância estratégica era dada pela sua localização geográfica, pela sua riqueza de recursos naturais e por ser rota terrestre de abastecimento energético. Segundo Spykman (1942, p.184):

The region had become the second most important strategic zone in the struggle for world dominion, not so much because of the war potential of its littoral states, but because its Rimland near the European and Asiatic Mediterranean contains the great oil-producing regions of the Eurasian land mass and the overland routes to the heartland.

2.4 O PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Spykman projeta também o mundo no pós-Segunda Guerra Mundial. Segundo Spykman (1942, p.461) “The post-war world is still going to be a world of decentralization of power with autonomous zones in the Far East, North America, and Europe, and the relations between these three zones will continue to dominate world politics”. Nesse contexto, “It will be a world of power politics in which the interest of the United States will continue to demand the preservation of a balance in Europe and Asia” (SPYKMAN, 1942, p.461). A intervenção americana no balanço de poder é justificada, pois Spykman refuta um possível argumento isolacionista calcado no domínio britânico passado. Para Spykman (1942, p.459) “Great Britain was dominant during the period when Europe was the only center of power and when the European Continent could be neutralized by balancing its forces”.

An alliance of the insular continent of North America with the two off-shore islands facing the Eurasian land mass would have great merits from the point of view of the territorial defense of the Western Hemisphere, but it would not be strong enough to rule the world and it would leave England and Japan in extremely exposed position (SPYKMAN, 1942, p.459-460)

Isso porque essa aliança marítima implicaria em uma contra aliança entre os países que se sentiriam cercados, entre eles Alemanha, Rússia e China, na qual novamente se lutaria para conter um domínio da Eurásia por potências terrestres (SPYKMAN, 1942). O balanço de poder eurasiático deveria ter em mente que “[...] territorial security and peaceful change are more likely to be achieved if the individual states in the different power zones do not differ too widely in their relative strength” (SPYKMAN, 1942, p.465). Para alcançar esse objetivo, uma das recomendações de Spykman (1942, p.466) é que:

[...] it will be necessary either to break up the large powers such as Russia and Germany, or to combine the smaller ones into large federations which will preserve the cultural autonomy of the component parts, but which will be strong enough to discourage thoughts of easy conquest.

Para uma maior segurança americana em relação a Eurásia, Spykman sabia que os Estados Unidos necessitariam, não só de uma aliança com potências insulares, mas também de um poder terrestre no continente. Isso porque “A continent ally was helpful in the early stages of the power struggle and absolutely indispensable when war broke out. Only through a land power on the mainland could Britain take a successful offensive against a large continental state” (SPYKMAN, 1942, p.100). Além disso, “We, like the British, would prefer to achieve our aim with the least possible amount of sacrifice” (SPYKMAN, 1942, p.124). Ademais a importância de um aliado terrestre no continente e a vontade de alcançar seus objetivos com o menor esforço possível, Spykman também leva em consideração a distância da América do Norte e da Eurásia. Segundo Spykman (1942, p.124) “The participation of our naval forces although much less desirable is still a logical function for a sea power, but because of the remoteness of the four continent it has been felt that the sending of an expeditionary force should be avoided as long as possible”. Assim, uma primeira linha de defesa americana no *Rimland* era fortemente recomendável por Spykman.

Sob a ótica da Teoria do *Rimland*, no pós-Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos desenvolveram a estratégia da contenção, formulada por George Kennan. Segundo Hepple (1986, p.24) “[...] undoubtedly the Mackinder-Spykman literature of the 1940s contributed to the emergence of US policies of containment”. A influência de Spykman na estratégia de contenção não é explicitada, entretanto “[...] é perfeitamente factível sustentar que a matriz geopolítica e estratégica da contenção encontrava-se teoricamente formulada no livro póstumo de Spykman [...]” (MELLO, 1999, p.131). Como salienta Cairo (2007, p.229):

[...] essa relação parece ficar mais clara se levarmos em consideração que as áreas que Kennan afirmava como vitais para a segurança nacional dos Estados Unidos – as quais, sob nenhum pretexto, deviam cair em mãos contrárias – coincidem praticamente com o cinturão interior mackinderiano ou o anel continental de Spykman, mais as áreas acrescentadas do Japão, Filipinas e dos países de Sul-americanos do oriente para o norte.

Essa estratégia de contenção tinha como objetivo não deixar o comunismo se alastrar pelo mundo desde seu coração, a União Soviética. Assim, o *Rimland* serviria como uma barreira na qual, devido ao choque cultural, deveria ser fortemente controlada e assegurada dentro do

espectro capitalista. Ainda projetando o pós-Segunda Guerra Mundial, segundo Spykman (1942, p.468) “It is to be hoped that this European power zone can be organized in the form of a regional League of Nations with the United States as an extra-regional member”. Ou seja, uma aliança entre alguns Estados europeus que garantisse o equilíbrio de poder na região e assegurasse a segurança norte-americana. Mais além, segundo Spykman (1942, p.468):

The only form in which the United States can both protect her interests in the preservation of a European balance and aid in the maintenance of order and political justice, is through participation in a league based on states of approximately equal strength with a covenant that provides for a revitalized Article 10 and a really effective system of “peaceful change”.

O Artigo 10 citado por Spykman faz referência ao Artigo 10 da Liga das Nações, na qual garantiria que todos os membros garantiriam a integridade e independência dos Estados. Já na Ásia, o Japão era visto como a Grã-Bretanha na Europa e, tal como ela, “[...] the United States will have to adopt a similar protective policy toward Japan” (SPYKMAN, 1942, p.470). Sendo assim, “In the Far East, as in Europe, such protection can only be provided by participation in a regional League of Nations”. Sob a estratégia da contenção – e a influência da Teoria do *Rimland* nela presente –, muitos acordos e tratados foram feitos, tais como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), para a Europa Ocidental; a Organização do Tratado Central (OTCEN), para o centro/sul da Eurásia; e a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTASE), para o oeste da Ásia.

CONCLUSÃO

Foi visto nesse capítulo que há evidências de que o pensamento de Spykman partiu de uma literatura já existente “[...] the connections to the line of thought from Mahan and Mackinder to Spykman are reasonably clear” (HEPPLE, 1986, p.26). Nesse contexto, “Virtually every aspect of Mackinder’s geo-strategy has been rethought [...] Perhaps the most influential of the latter group was Yale’s Nicholas Spykman [...]” FETTWEIS (2003, p.112). Partindo das mesmas premissas de Mackinder, isto é, a existência de um determinismo geográfico, uma rivalidade histórica entre poder terrestre e poder marítimo e um sistema político fechado, Spykman altera o eixo estratégico da teoria de Mackinder e, assim, a zona mais estratégica mundial passa a ser o *Rimland* (ou Crescente Marginal na teoria de Mackinder) e não mais o *Heartland*.

A importância dessa alteração feita por Spykman se vê, principalmente, na influência da mesma na política de contenção “The influence of Mackinder and Spykman on the “containment” strategy during the Cold War, noted one observer, was “so apparent as to approach the status of a cliché”” (FETTWEIS, 2003, p.112). Essa estratégia visava o controle do *Rimland* pelos Estados Unidos de modo a garantir que a União Soviética não conseguisse uma saída para um grande oceano e, assim, não pudesse projetar todo seu potencial econômico e militar em uma frota capaz de rivalizar com a Grã-Bretanha e, principalmente, com os Estados Unidos. Assim, o controle do *Rimland*, para Spykman, tinha como objetivo manter o equilíbrio de poder na Europa, na Ásia e no Oriente Médio e, assim, garantir a manutenção da hegemonia norte-americana ratificada no fim da segunda guerra mundial.

Como foi visto na seção anterior, há evidências de que as recomendações de Spykman para o período do pós-Segunda Guerra Mundial foram seguidas. Tratados militares foram assinados ao longo das diferentes zonas do *Rimland*, todos eles com certa garantia americana de que fossem cumpridos. Não obstante a destruição causada pela Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos, através dos planos Marshall (para a Europa) e Colombo (para o Sudeste Asiático), financiaram e restauraram economicamente grande parte dos países atingidos pela guerra e, assim, mantiveram os mesmos sob a influência norte-americana. Segundo a teoria spykmaniana, através do controle do *Rimland*, os Estados Unidos estariam seguros a qualquer eventual avanço soviético, pois sua primeira linha de defesa estaria na própria Eurásia, isto é, existiria uma zona de países amortecedores entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Com o advento da Guerra Fria no pós-Segunda Guerra Mundial, há uma contínua revisão sobre os imperativos estratégicos americanos. Entretanto, as peculiaridades da Guerra Fria, tais como o surgimento de duas superpotências nucleares, trariam novos desafios às antigas formulações geopolíticas vigentes. Nesse contexto, Zbigniew Brzezinski contribuirá de forma decisiva, intelectual e ativamente, na formulação e interpretação das singularidades desse período histórico.

CAPÍTULO III – ZBIGNIEW BRZEZINSKI E AS FRENTES ESTRATÉGICAS BASILARES

INTRODUÇÃO

Ainda com o objetivo de apresentar as ideias que nortearam o pensamento estratégico norte-americano desde o pós-guerra, e depois de estudada a matriz geopolítica de Mackinder e Spykman, o entendimento da teoria de Brzezinski é necessário. Como dito por Mello (1999, p.136) “Embora não haja referências expressas às fontes primárias, a visão geopolítica e estratégica de Brzezinski é em grande parte oriunda de duas matrizes preexistentes [...]: Halford Mackinder e Nicholas Spykman”.

A primeira seção deste capítulo consistirá na contextualização acadêmica de Brzezinski, assim como na sua relevância teórica à luz, sobretudo, do enfrentamento americano-soviético na Guerra Fria. Além disso, na primeira seção serão destacados alguns dos pilares teóricos do autor, assim como foi feito anteriormente para Mackinder e Spykman.

Na segunda seção, abordar-se-á o enfrentamento americano-soviético na Guerra Fria, ressaltando as características intrínsecas do conflito. Após esse destaque, a seção será dividida em duas subseções, das quais a primeira dissertar-se-á sobre as Frentes Estratégicas Basilares, nas quais o embate bipolar aconteceria pelo domínio da Eurásia. Na segunda e última subseção, destacar-se-á os imperativos geoestratégicos defendidos por Brzezinski para a vitória dos Estados Unidos nesse confronto.

Na última seção desse capítulo, será abordado o chamado mundo unipolar, surgido após o fim da Guerra Fria, capitaneado pelos Estados Unidos. Nesse contexto, será destacado o alcance do imperialismo americano como consequência direta de sua hegemonia. Essa seção será dividida em uma subseção que busca adentrar sobre a principal área estratégica a ser garantida pelos Estados Unidos para manter sua liderança: os “Balcãs Eurasianos”.

Por fim, na conclusão desse capítulo será apresentada uma síntese da contribuição de Brzezinski para o debate geopolítico em dois momentos distintos: no contexto bipolar da Guerra Fria e no contexto unipolar do pós-Guerra Fria. Mais além, ênfase será dada nas principais estratégias e no conjunto de países relevantes para os Estados Unidos, em cada um dos contextos históricos. Assim, busca-se compreender a visão de Brzezinski, como um todo, para, após o fim da Guerra Fria, a manutenção da *Pax Americana*.

3.1 RELEVÂNCIA E BASES TEÓRICAS

Zbigniew Kazimierz Brzezinski (1928-2017) foi um cientista político polaco-americano que teve sua formação intelectual no Canadá e nos Estados Unidos. Ao longo da sua vida, Brzezinski escreveu, dentre outros, *Game Plan: A Geostrategic Framework for the Conduct of the U.S.-Soviet Contest* (1986) e *The Grand Chessboard* (1997). A formação intelectual de Brzezinski foi largamente influenciada pelo contexto da Guerra Fria, no qual Estados Unidos e União Soviética dividiam o mundo entre zonas de influência capitalistas e socialistas. Como nos conta Hoeveler (2016, p.9) “Brzezinski [...] entra para a McGill University, onde começa a estudar as nacionalidades existentes dentro da URSS [...]” e em seguida, já em Harvard, “[...] cursa o doutorado tendo como tema a revolução russa e suas personalidades, principalmente Lênin e Stálin”.

Um indicador da relevância da análise de sua teoria reside no fato de que, em 1960, Brzezinski se tornou assessor informal da campanha presidencial de John F. Kennedy e, em 1964, trabalhou na campanha de Lyndon Johnson (HOEVELER, 2016). Anos depois, Zbigniew Brzezinski foi Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Jimmy Carter (1977-81). Assim, é provável que exista uma influência de Brzezinski em diferentes governos americanos, o que justifica a importância da análise de sua teoria. “[...] Zbigniew Brzezinski, former National Security Adviser to President Jimmy Carter and senior foreign policy strategist for several presidents and advisor to many, including presidential candidate Barack Obama” (ENGDAHL, 2009, p.7).

“Today the geopolitical tradition persists also in the scholarship on grand strategy, carried on by such major figures in strategic circles as Brzezinski and Gray” (FETTWEIS, 2015, p.237). Ou seja, os tradicionais formuladores de estratégia geopolítica, sobretudo Mackinder e Mahan, e em algum grau Spykman, ainda influenciam algumas das principais figuras contemporâneas que pensam a geopolítica, principalmente Brzezinski e Gray. Sendo assim, após ter-se analisado a teoria de Mackinder e Spykman nos Capítulos I e II respectivamente, é importante para a análise a consideração da teoria de Brzezinski, já que “Brzezinski was a careful student of the master of Anglo-American geopolitics, Sir Halford Mackinder” (ENGDAHL, 2009, p.7). Assim como para Mackinder, as bases teóricas do pensamento de Brzezinski são, sobretudo, a rivalidade histórica entre oceanismo versus continentalismo e o

sistema político fechado. Brzezinski, entretanto, dá menos ênfase ao determinismo geográfico.

3.2 O CONFRONTO AMERICANO-SOVIÉTICO

Em seu livro de 1986, *Game Plan: A Geostrategic Framework for the Conduct of the U.S.-Soviet Contest*, Brzezinski busca analisar o confronto americano-soviético sob diferentes óticas e, a posteriori, faz recomendações sobre a estratégia a ser adotada pelos Estados Unidos para prevalecer nesse confronto. Mais além, Brzezinski busca também identificar as potenciais estratégias que os soviéticos poderiam adotar e, assim, prevenir os Estados Unidos para que as mesmas não conseguissem ser implementadas. Para Brzezinski, esse confronto tem três características que o diferem dos demais: é um confronto histórico, é um confronto imperial e é um confronto global.

É um confronto histórico, pois “[...] era ainda o legado do velho, quase tradicional, e certamente geopolítico, choque entre uma potência oceânica e uma potência continental” (BRZEZINSKI, 1986, p.20). Assim, os Estados Unidos são vistos como os sucessores da Grã-Bretanha, Holanda e Espanha e a União Soviética da Alemanha nazista, do Império Alemão e da França napoleônica. Segundo Brzezinski (1986, p.19) “O conflito surgiu como uma consequência natural do colapso, durante a Segunda Guerra Mundial, do sistema internacional de essência europeia”. Apesar de ser um conflito clássico entre oceanismo versus continentalismo, a especificidade desse confronto se daria pelo fato de que, “Nunca ocorreu antes um confronto entre duas potências tão essencialmente diferentes” (BRZEZINSKI, 1986, p.23).

É um confronto imperial já que “Ambas as nações adquiriram atributos imperiais, antes mesmo de sua colisão, após a Segunda Guerra Mundial; mas esta colisão [...] intensificou o seu crescimento” (BRZEZINSKI, 1986, p. 24). O conceito de império empregado por Brzezinski é neutro, segundo o autor, e se refere exclusivamente a “[...] um sistema hierárquico de relacionamentos políticos, irradiando-se de um centro” (BRZEZINSKI, 1986, p.24). Todavia, existe uma grande diferença entre os Impérios, a saber.

Segundo Brzezinski (1986, p.25) “A história russa é, por conseguinte, a história de um permanente expansionismo territorial”, no qual “[...] a Rússia, historicamente, não foi tanto

uma vítima de agressões frequentes, quanto ela própria foi um persistente agressor, pressionando do centro, nesta ou naquela direção [...]” (BRZEZINSKI, 1986, p.28). O “Império de Moscou” é territorialmente contíguo e, para Brzezinski, tem três camadas: a do Império da Grã-Rússia, a do Império Soviético e a do Império Comunista. O primeiro império refere-se à etnia, na qual os 135 milhões de grão-russos “[...] mantêm, como súditos imperiais, cerca de 140 milhões de pessoas de diversas nações não-russas [...]” (BRZEZINSKI, 1986, p.24). O segundo império refere-se ao controle de Moscou sobre os Estados-satélites, nos quais vivem milhões de europeus do Leste, afegãos e mongóis (BRZEZINSKI, 1986). O terceiro império refere-se à teia que liga Moscou aos demais países que aderiram ao comunismo, dentre eles Cuba, Nicarágua, Coreia do Norte, Etiópia, Vietnã, Angola e Iêmen do Sul (BRZEZINSKI, 1986).

Quanto ao Império Americano, “Ao contrário do soviético, o império americano é territorialmente descontínuo, relativamente poroso, e é conservado por meio de laços indiretos” (BRZEZINSKI, 1986, p. 32). Segundo Brzezinski (1986, p.30) “Inicialmente, o expansionismo americano apresentou algumas semelhanças notáveis com a experiência russa. Isto foi particularmente verdadeiro em relação à conquista americana [...] dos territórios pertencentes ao México” (BRZEZINSKI, 1986, p.30). O expansionismo americano se deu, principalmente, pelo seu caráter naval no qual expandiu o poder político americano ao Caribe, a América Central e as Filipinas. Brzezinski ressalta que o imperialismo americano só teria se desenvolvido plenamente no pós-Segunda Guerra Mundial, uma vez que os Estados Unidos saíram do conflito, praticamente, ilesos. Nesse contexto, “[...] os Estados Unidos tornaram-se o preeminente poder mundial, com o seu PNB sendo responsável por mais da metade da economia mundial. Esse *status de facto* transformou os Estados Unidos em um império” (BRZEZINSKI, 1986, p.31).

Por fim é um confronto global, pois o conflito americano-soviético é “[...] uma luta entre dois sistemas imperiais. E envolve – pela primeira vez na história – um confronto entre duas nações, por nada menos do que o predomínio global” (BRZEZINSKI, 1986, p. 16). Ou seja, a escala do conflito seria global e, como conseqüente, interferiria em todo e qualquer país do mundo, direta ou indiretamente. Segundo Brzezinski (1986, p.37):

O alcance global do atual confronto resulta não somente da colisão, sem precedentes, entre uma potência transoceânica e uma transcontinental [...] mas também pelo desenvolvimento, em ambas, dos armamentos e dos meios

de comunicação de massa. As armas modernas, em termos de raio de ação e de destrutividade, dão substância ao conceito de uma guerra genuinamente global, e realidade à ameaça de uma devastação global. A competição pelo controle do espaço exterior – ou pelo menos para impedir que o rival detenha o seu monopólio – é hoje também parte da luta pelo globo.

Ao mesmo tempo, a combinação da comunicação de massa e da alfabetização em massa, também faz com que a disputa político-ideológica seja geograficamente ilimitada. Nenhum continente deixa de ser afetado pelos apelos conflitantes e pelos modelos sociais competidores.

3.2.1 A LUTA PELA EURÁSIA: AS FRENTES ESTRATÉGICAS BASILARES

“Embora global no seu alcance, o confronto soviético-americano tem uma prioridade essencial: a Eurásia” (BRZEZINSKI, 1986, p.39). O controle da Eurásia é essencial, porém encarado de forma distinta pelas duas superpotências. Para os Estados Unidos “[...] impedir a dominação soviética sobre a Eurásia é condição para alcançar um resultado aceitável no confronto” (BRZEZINSKI, 1986, p.39). Por outro lado, para a União Soviética “[...] expulsar a América da Eurásia [...] é a condição para o sucesso decisivo neste conflito histórico” (BRZEZINSKI, 1986, p.39). Esse confronto pelo domínio da Eurásia se dá, sobretudo, nas três Frentes Estratégicas Basilares: extremo ocidente, extremo oriente e do sudoeste asiático (ver Figura III.3).

As Frentes Estratégicas Basilares se configuram ao redor do Centro Geoestratégico – onde, basicamente, Mackinder chamou de *Heartland* – que exerce “[...] claramente um domínio militar sobre um imenso continente, que contém a maior parte da população, do território e da riqueza mundiais, ocupando uma posição estratégica vital em relação aos demais continentes” (BRZEZINSKI, 1986, p.40). Esse Centro Estratégico, entretanto, é cercado por terras, gelo e por pontos de estrangulamento que dificultam o acesso aos grandes mares. Baseado nessa realidade, “Os governantes czaristas e soviéticos possuem uma coisa em comum: eles procuraram, persistentemente, através de um expansionismo inquebrável, alcançar certos objetivos estratégicos chaves [...]” (BRZEZINSKI, 1986, p.40). Dentre esses objetivos (em épocas distintas): acesso ao Mar Amarelo através do controle da Manchúria; acesso direto do Mar Negro ao Mar Mediterrâneo através do controle de Constantinopla e dos estreitos turcos; Acesso ao Golfo Pérsico através do controle do Iraque/Irã (área ao sul de Batum e Baku), entre outros (BRZEZINSKI, 1986). Todas essas tentativas representaram o objetivo russo de conseguir uma saída direta para águas quentes.

FIGURA III.3



FONTE: Brzezinski (1986, p.51)

O embate entre as superpotências pelo domínio da Eurásia se deu, segundo Brzezinski (1986, p.51) “[...] quando se tornou claro que os Estados Unidos não iriam afastar-se da Europa e estavam dispostos a se oporem a quaisquer exigências de Moscou que modificassem em excesso o que a União Soviética efetivamente controlava em 1945”. Assim “A primeira frente estratégica surgiu devido à ameaça gêmea à Grécia e a Turquia e a Berlim” (BRZEZINSKI, 1986, p.52). Essa primeira frente (extremo ocidente) se deu após a transformação da Doutrina Truman em lei, engajando assim “[...] os Estados Unidos na defesa da Grécia e da Turquia, e respondendo firmemente com uma ponte aérea para furar o bloqueio de Berlim, em 1948” (BRZEZINSKI, 1986, p. 53). Através dessa garantia militar, os Estados Unidos “estendia suas fronteiras”, de forma indireta, criando as bases para a criação, em 1949, da OTAN. “A Comunidade Atlântica – uma rede transoceânica de relações culturais, econômicas e políticas – tornou-se para os Estados Unidos uma extensão da sua própria existência” (BRZEZINSKI, 1986, p.53).

Em relação à criação da segunda frente (extremo oriente), essa se deu na sequência da primeira. O ressentimento da vitória comunista na China em 1949, aliado à Guerra da Coreia, no qual contou com o empenho aberto e direto comunista, “[...] deixou o Presidente Truman quase sem escolha” (BRZEZINSKI, 1986, p.54-55). Sendo assim, “A decisão de Truman por uma resposta militar criou a segunda frente estratégica basilar [...]” (BRZEZINSKI, 1986, p.55). Como resultado, “[...] os Estados Unidos conseguiram manter a Coreia do Sul, expandindo assim o perímetro dos seus interesses estratégicos vitais. Este, agora, incluía o Japão, a Coreia do Sul, Taiwan e as Filipinas” (BRZEZINSKI, 1986, p.55). Para Brzezinski (1986, p.57-58) “Os laços políticos e econômicos da América com os países que protege na frente do Extremo Oriente tornaram-se tão importantes quanto aqueles mantidos com a Comunidade Atlântica [...]”. Grande parte dessa importância se dá, além dos fatores geoestratégicos, pela grande força econômica de Japão e Coreia do Sul.

Por fim, a terceira frente estratégica basilar – a do sudoeste – surgiu apenas no final da década de 1970. Segundo Brzezinski (1986, p.59) “A calma terminou no final dos anos 70. A retirada britânica do “Istmo de Suez”, na segunda metade da década de 60, criou um vácuo à segurança no Golfo Pérsico”. Os Estados Unidos, de modo a tentar controlar a região, fortaleceu seus aliados naquela região: a Arábia Saudita e o Irã. Entretanto, a Revolução Iraniana de 1979, segundo Brzezinski (1986, p.59), “[...] possibilitou, sem dúvida, a ação decisiva da União Soviética sobre o Afeganistão”. Esse avanço soviético no Oriente Médio foi decisivo, pois “Pela primeira vez, desde o começo do conflito soviético- americano, ela ultrapassava as linhas demarcadas no final da Segunda Guerra Mundial” (BRZEZINSKI, 1986, p.60). Nesse contexto, “Os Estados Unidos responderam em 23 de janeiro de 1980, proclamando formalmente a região do Golfo Pérsico como equivalente à Doutrina Truman” (BRZEZINSKI, 1986, p.60). Como consequência, os Estados Unidos “Reafirmaram, explicitamente, a garantia dada em 1959 no sentido de proteger o Paquistão contra uma invasão soviética. E envolveram-se na sustentação da resistência afgã à ocupação soviética” (BRZEZINSKI, 1986, p.60).

A vitória política em cada uma das Frentes Estratégicas Basilares, segundo Brzezinski (1986, p.61-62) “[...] será provavelmente determinado, em grande medida, por quem ganha ou mantém o controle sobre diversos países-pino, isto é, que se tornaram pinos de segurança geopolítica nas suas respectivas regiões”. Basicamente, um Estado-pino é um país que é importante, porém vulnerável. Quanto à sua importância, “[...] pode derivar de sua posição

geopolítica, da influência política e/ou econômica que detém na região, ou de sua localização geoestratégica que o torne significativo do ponto de vista militar” (BRZEZINSKI, 1986, p.62). Em relação a sua vulnerabilidade, “[...] dá possibilidade de poder vir a ser seduzido ou tomado, o que, nesse último caso, afetará o seu alinhamento externo” (BRZEZINSKI, 1986, p.62). Os Estados-pino que Brzezinski se referem são: “[...] a Polônia e a Alemanha na frente ocidental; a Coreia do Sul e as Filipinas na frente oriental; e o Irã, ou a combinação do Afeganistão e do Paquistão, na frente sudoeste” (BRZEZINSKI, 1986, p.62).

3.2. OS IMPERATIVOS GEOPOLÍTICOS AMERICANOS

Identificadas as Frentes Estratégicas Basilares no qual o enfrentamento americano-soviético se daria e os Estados-pinos que influenciariam a vitória ou derrota da respectiva superpotência em cada uma das frentes, Brzezinski discorre sobre as prioridades geopolíticas americanas para sobressair na luta pela Eurásia. Segundo Brzezinski (1986, p.213):

[...] 1) acelerar a emergência de uma Europa Ocidental mais auto-suficiente e, eventualmente, uma Europa recuperada da sua divisão de pós-guerra; 2) promover um triângulo estratégico informal no Extremo Oriente através de uma mais ampla cooperação econômica e política entre os Estados Unidos, o Japão e a China; 3) amparar o sudoeste asiático, fortalecendo politicamente e reforçando militarmente os vizinhos meridionais da União Soviética; e 4) apoiar as pressões internas nos Estados da Europa Oriental sob domínio dos soviético e, até mesmo, dentro da própria URSS para uma maior tolerância e diversidade política.

Dentre as prioridades geopolíticas, a “[...] mais urgente e difícil para os Estados Unidos está no sudoeste da União Soviética, onde os Estados-pino são o Irã, ou o conjunto do Afeganistão-Paquistão. [...] a região é vulnerável à pressão política e militar soviética” (BRZEZINSKI, 1986, p.237). Devido a esses fatores, Brzezinski chama essa frente estratégica de “ventre-mole”. Curiosamente, o principal obstáculo de um domínio soviético daquela região é a própria região e seu fundamentalismo religioso anticomunista. Sendo assim, “[...] a mais forte barreira à expansão soviética é o desejo político e religioso destes países de não serem dominados pelo seu poderoso vizinho do norte. Nenhuma atitude política a ser tomada pelos Estados Unidos pode substituir esta determinação” (BRZEZINSKI, 1986, p.239). Mais além, “Talvez o melhor dissuasor de uma contínua investida soviética para o sul esteja dentro da própria União Soviética” (BRZEZINSKI, 1986, p.243). Brzezinski se refere aos aproximadamente 55 milhões de muçulmanos que viviam dentro da União Soviética, sobretudo na Ásia Central. Não à toa, “[...] Brzezinski induziu o presidente Carter a abrir um

terceiro front, na Guerra Fria, instigando contra Moscou os povos islâmicos da Ásia Central, no heartland de Eurásia e integrantes da União Soviética [...]” (MONIZ BANDEIRA, 2008, p.2), com a tentativa de formar um cinturão islâmico, dentro e fora dos domínios soviéticos, que freassem a expansão soviética às águas quentes.

Como resumo desse embate entre duas superpotências antagônicas (ao menos no que se refere à ideologia), Brzezinski (1986, p.256) diz: “Para os Estados Unidos, não ser derrotado no confronto soviético-americano é vencer; para a União Soviética, não vencer significa derrota”. Cinco anos após seu livro, a União Soviética implodiu e estimulou os estrategistas a pensarem o mundo de uma forma que se desacostumaram a pensar: de forma unipolar.

3.3 O MUNDO UNIPOLAR E O GRANDE TABULEIRO

A implosão da União Soviética, em 1991, tornou o mundo diametralmente diferente daquele conhecido desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos emergiram como a única superpotência mundial, e sua hegemonia continha aspectos singulares. Segundo Brzezinski (1997, p.24) “Although America’s international preeminence unavoidably evokes similarity to earlier imperial systems, the differences are more essential. They go beyond the question of territorial scope”. Basicamente, o poder americano é um poder de “[...] unprecedented worldwide reach and grasp” (BRZEZINSKI, 1997, p.3). O alcance da hegemonia americana vai muito além do poderio militar. Adicionado à supremacia das armas, estariam: a supremacia econômica, a supremacia tecnológica e a supremacia cultural.

In brief, America stands supreme in the four decisive domains of global power. Military, it has an unmatched global reach; economically, it remains the main locomotive of global growth, even if challenged in some aspects by Japan and Germany (neither which enjoys the other attributes of global might); technologically, it retains the overall lead in the cutting-edge areas of innovation; and culturally, despite some crassness, it enjoys an appeal that is unrivalled, especially among the world’s youth – all of which gives the United States a political clout that no other state comes close to matching. It is the combination of all four that makes America the only comprehensive global superpower (BRZEZINSKI, 1997, p.24)

“Currently, this unprecedented American global hegemony has no rival. But will it remain unchallenged in the years to come?” (BRZEZINSKI, 1997, p.29). Nesse contexto, o objetivo intelectual de Brzezinski é, sobretudo, identificar os potenciais desafios à supremacia

americana e, conseqüentemente, suprimi-los. Segundo Brzezinski (1997, p.30) “For America, the chief geopolitical prize is Eurasia”. “In that context, how America “manages” Eurasia is critical” (BRZEZINSKI, 1997, p.31), pois a Eurasia continuava a ser o maior continente do mundo, com duas das três regiões mais avançadas e economicamente produtivas, além de possuir três quartos da população mundial e a maior quantidade de recursos naturais. Assim como no passado, “Eurasia is thus the chessboard on which the struggle for global primacy continues to be played” (BRZEZINSKI, 1997, p.31).

No contexto da unipolaridade americana, uma especificidade levantada por Brzezinski era o fato de que, diferentemente de como Mackinder e Spykman pensavam a geopolítica, não existia mais um ponto de partida geográfico para a dominação da Eurásia. Segundo Brzezinski (1997, p.39):

Today, the geopolitical issue is no longer what geographic part of Eurasia is the point of departure for continental domination, nor whether land power is more significant than sea power. Geopolitics has moved from the regional to the global dimension, with the preponderance over the entire Eurasian continent serving as the central basis for global primacy.

A geoestratégia americana para a Eurásia consistia basicamente, assim como na análise anterior feita no contexto da Guerra Fria, em identificar os principais países que poderiam “causar problemas” e descobrir seus objetivos geopolíticos. Após essas identificações, buscar-se-ia atrair esses países para sua área de influência ou boicotar suas estratégias geopolíticas.

Para uma melhor identificação dos países, Brzezinski os separou em duas categorias: *geopolitical players* e *geopolitical pivots*. Os atores geopolíticos seriam “[...] the states that have the capacity and the national will to exercise power or influence beyond their borders in order to alter – to a degree that affects America’s interest – the existing geopolitical state of affairs” (BRZEZINSKI, 1997, p.40). Já os pivôs geopolíticos seriam “[...] the states whose importance is derived not from their power and motivation but rather from their sensitive location and from the consequences of their potentially vulnerable condition for the behavior of geostrategic players” (BRZEZINSKI, 1997, p.41). Como *geopolitical players*, Brzezinski destaca a França, a Alemanha, a Rússia, a China e a Índia. Por outro lado, Brzezinski aponta os *geopolitical pivots* como sendo a Ucrânia, o Azerbaijão, a Coreia do Sul, a Turquia e o Irã. Entretanto, esses dois últimos, Turquia e Irã, “[...] are to some extent – within their more limited capabilities – also geostrategically active” (BRZEZINSKI, 1997, p.41). Nesse

contexto, o cenário mais ameaçador aos interesses americanos seria “[...] a grand coalition of China, Russia, and perhaps Iran, an “antihegemonic” coalition united not by ideology but by complementary grievances” (BRZEZINSKI, 1997, p.55).

Para a manutenção da primazia global americana, Brzezinski ressalta o papel da Europa e da democracia. “Europe is America’s ally. It shares the same values; partakes, in the main, of the same religious heritage; practices the same democratic politics; and is the original homeland of a large majority of Americans” (BRZEZINSKI, 1997, p.57). A unificação da mesma, sob esses valores compatíveis aos valores americanos, “[...] serves as the springboard for the progressive expansion of democracy deeper into Eurasia” (BRZEZINSKI, 1997, p.57). É uma questão central para os Estados Unidos, então, que uma Europa viável, capitaneada politico-economicamente por França e Alemanha e que continue ligada aos Estados Unidos, emerja e amplie o sistema internacional de cooperação democrática (BRZEZINSKI, 1997).

3.3.1 THE EURASIAN BALKANS

A especial atenção dada por Brzezinski, no contexto da Guerra Fria e em seu livro *Game Plan*, a terceira frente estratégica basilar, isto é, a do sudoeste asiático, é reforçada no mundo unipolar. Brzezinski já chamava essa frente estratégica de “ventre mole”, devido à dificuldade de ser obter um controle efetivo dessa região. Mais além, a região do Oriente Médio era/é a maior fornecedora de óleo e gás no mundo, tornando-a extremamente importante, ainda que os obstáculos étnicos, históricos, religiosos e culturais, sejam grandes. A fragmentação da União Soviética abriu um vácuo de poder na região da Ásia Central, que agora não contava mais com uma “ideologia” e força militar que pudesse frear qualquer ímpeto americano de influenciar tal região. Sendo assim, essa região somada às demais regiões da Ásia Central passa, definitivamente, a ser a prioridade americana no final da década de 90 e início do século XXI.

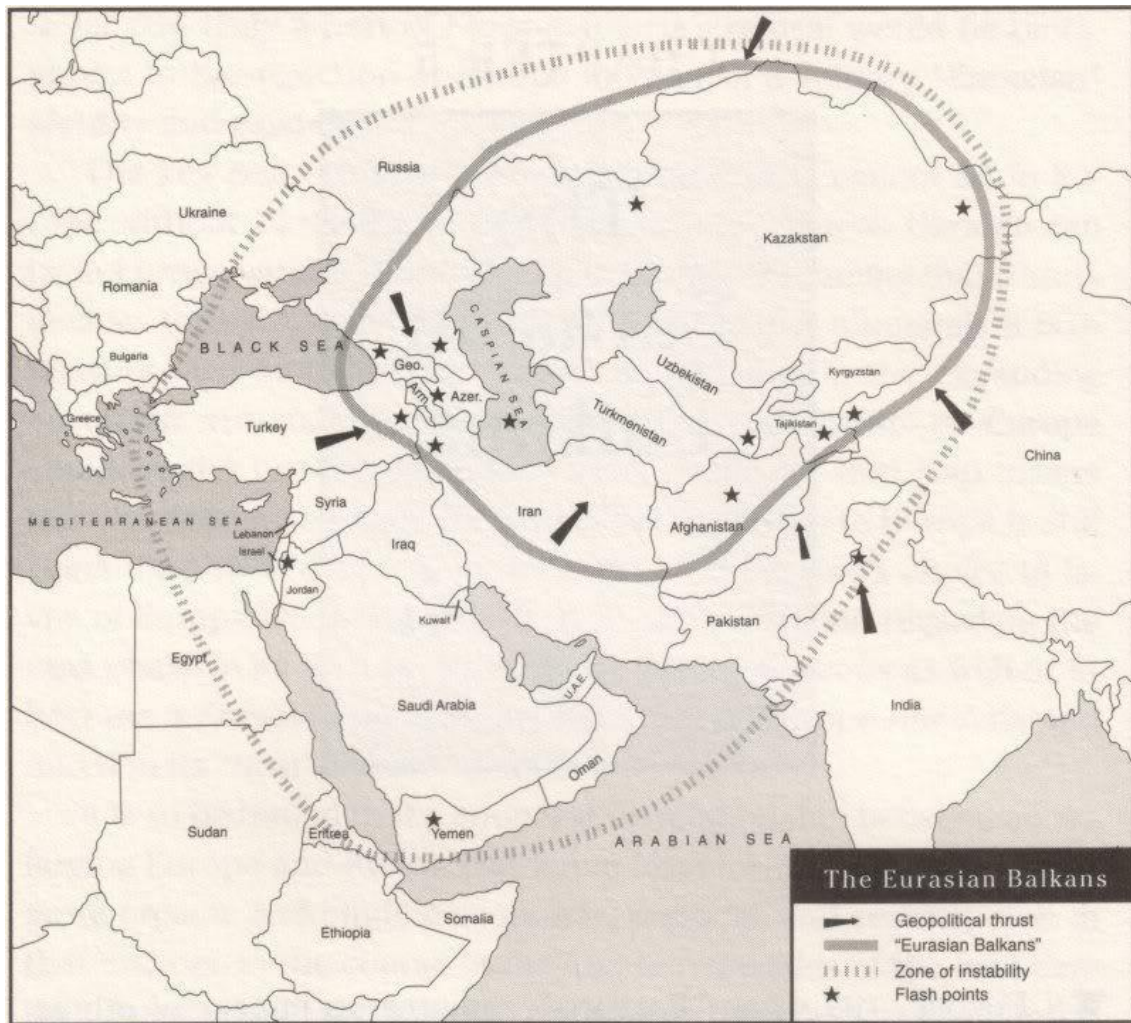
O nome dado por Brzezinski de *Eurasian Balkans* faz referência aos Balcãs originais, nos quais se caracterizam pelo fato de conter um conjunto de países com muitas diferenças étnicas e, logo, rivalidades. Os Balcãs eurasiático, entretanto, “[...] are much larger, more populated, even more religiously and ethnically heterogeneous” (BRZEZINSKI, 1997, p.123). Essa área “[...] embraces portions of southeastern Europe, Central Asia and parts of South Asia, the Persian Gulf area, and the Middle East” (BRZEZINSKI, 1997, p.123) (ver Figura III.4).

Todavia, a especificidade dessa área em relação as suas áreas adjacentes é o seu vácuo de poder. Segundo Brzezinski (1997, p.123) “Although most of the states located in the Persian Gulf and the Middle East are also unstable, American power is that region’s ultimate arbiter”. Os países contidos nessa área teriam também como característica permitir a intromissão de vizinhos “mais poderosos”, aflorando assim sua instabilidade. “It is this familiar combination of a power vacuum and power suction that justifies the appellation “Eurasian Balkans”” (BRZEZINSKI, 1997, p.124).

The Eurasian Balkans são excepcionalmente importantes uma vez que conjugam vários prêmios geopolíticos que justificam a intromissão de países externos na tentativa de seu controle. Segundo Brzezinski (1997, p.124):

The traditional Balkans represented a potential geopolitical prize in the struggle for European supremacy. The Eurasian Balkans, astride the inevitably emerging transportation network meant to link more directly Eurasia’s richest and most industrious western and eastern extremities, are also geopolitical significant. Moreover, they are of importance from the standpoint of security and historical ambitions to at least three of their most immediate and more powerful neighbors, namely, Russia, Turkey, and Iran, with China also signaling an increasing political interest in the region. But the Eurasian Balkans are infinitely more important as a potential economic prize: an enormous concentration of natural gas and oil reserves is located in the region, in addition to important minerals, including gold.

FIGURA III.4



FONTE: Brzezinski (1997, p.124)

Segundo Brzezinski (1997, p.148) “The geostrategic implications for America are clear: America is too distant to be dominant in this part of Eurasia but too powerful not to be engaged. All the states in the area view America engagement as necessary to their survival”. Nesse contexto, haveria uma predisposição desses países a uma eventual ajuda americana na medida em que os mesmos não se sentem seguros em relação ao expansionismo de seus vizinhos, entre eles: Rússia, China, Turquia e Irã. Ainda sobre os imperativos geoestratégicos americanos, segundo Brzezinski (1997, p.198):

In the short run, it is in America’s interest to consolidate and perpetuate the prevailing geopolitical pluralism on the map of Eurasia. That puts a premium on maneuver and manipulation in order to prevent the emergence of a hostile coalition that could eventually seek to challenge America’s primacy, not to mention the remote possibility of any one particular state seeking to do so. By the middle term, the foregoing should gradually yield to a greater

emphasis on the emergence of increasingly important but strategically compatible partners who, prompted by America leadership, might help to shape a more cooperative trans-Eurasian security system. Eventually, in the much longer run still, the foregoing could phase into a global core of genuinely shared political responsibility.

Para a consolidação desses objetivos, Brzezinski ressalta, sobretudo, a importância da Europa e, conseqüentemente, da OTAN. Segundo Brzezinski (1997, p.199) “It follows that a wider Europe and an enlarged NATO will serve well both short-term and the longer-term goals of U.S. policy”. Uma Europa mais abrangente aumentará a área de influência americana, uma vez que a própria Europa compartilha valores americanos e é capitaneada, em termos, pelos Estados Unidos. “Without France or Germany, there will be no Europe, and without Europe there will be no trans-Eurasian system” (BRZEZINSKI, 1997, p.199). Entretanto, Brzezinski ressalta que uma Europa demasiada unida poderia desafiar a preeminência norte-americana. Sendo assim, “America cannot on its own generate a more United Europe – that is up to the Europeans, especially France and Germany – but America can obstruct the emergence of a more United Europe” (BRZEZINSKI, 1997, p.199).

O papel da China também é ressaltado pelo autor. Segundo Brzezinski (1997, p.205) “Geopolitical pluralism in Eurasia as a whole will neither be attainable nor stable without a deepening strategic understanding between America and China”. Numa eventual coalisão anti-hegemônica, o papel da China também é evidenciado. Nesse caso, “[...] China would be the linchpin. It would be the strongest, the most dynamics, and thus the leading component. Such a coalition could only emerge around a disaffected, frustrated, and hostile China” (BRZEZINSKI, 1997, 206). Ainda nesse contexto, “[...] an effort by China to seek global primacy would inevitably be viewed by other as an attempt to impose a national hegemony. To put it very simply, anyone can become an American, but only a Chinese can be Chinese [...]” (BRZEZINSKI, 1997, p.210).

CONCLUSÃO

Nesse capítulo foi analisada a teoria de Brzezinski em dois distintos momentos: no mundo bipolar da Guerra Fria e no mundo unipolar do pós-Guerra Fria. Puderam-se observar as similaridades do pensamento de Brzezinski, tanto com o pensamento mackinderiano quanto com o spykmaniano. A Eurásia permanece sendo o objetivo principal, nas três teorias, no qual seu domínio implica diretamente em um domínio mundial. Como destaca Fettweis

(2015, p.244) “[...] Brzezinski seeks to shape American action on the “grand chessboard” of Eurasia”.

Em um primeiro momento (no contexto da Guerra Fria), Brzezinski ressalta a singularidade desse confronto, tido como o primeiro confronto verdadeiramente mundial. Isso porque o confronto americano-soviético era um confronto entre dois impérios e não entre duas nações. Para o autor, esse confronto era um desdobramento de históricos confrontos entre potências marítimas (caracterizada pelos Estados Unidos) e potências terrestres (caracterizadas pela União Soviética), elevadas ao máximo grau – principalmente devido às armas nucleares. A especificidade desse confronto não residia apenas de seu poder militar nuclear, mas também por ser um confronto político-econômico. Nesse aspecto, o autor relativiza a rivalidade americano-soviética, pois não existiria uma efetiva rivalidade no campo cultural, tecnológico e econômico, apenas no militar. Os enfrentamentos geopolíticos aconteceriam em três distintas regiões, que Brzezinski chamou de Frentes Estratégicas Basilares, a saber: a frente número um, na Europa Ocidental; a frente número dois, no Extremo Oriente; e a frente número três, no Sudoeste Asiático.

Ao longo das três Frentes Estratégicas Basilares, Brzezinski identificou os países que poderiam servir como catalisadores de uma vitória americana ou soviética em cada uma das três frentes. Brzezinski os chamou de países-pino, nos quais seriam: a Polônia e a Alemanha na frente ocidental; a Coreia do Sul e as Filipinas na frente oriental; e o Irã, ou a combinação do Afeganistão e do Paquistão, na frente sudoeste. A atração/manutenção desses países à esfera de influência americana era a prioridade estratégica americana. Brzezinski reforçava a diferença cultural existente na União Soviética, com muitas etnias e diferentes religiões sendo coagidas e submetidas ao controle do que chamou de Grão-Rússia. Aflorar os ressentimentos étnico-religiosos internos e estimular uma rivalidade islâmica-comunista nos países a sua volta era uma forma de deter o expansionismo soviético e favorecer seu desmembramento.

Após o desmantelamento soviético e a alteração da ordem mundial para uma hegemonia norte-americana, Brzezinski analisou o cenário geopolítico que favorecesse uma manutenção do poder americano. Através dessas análises, projetou desafios e formulou propostas, nas quais se baseavam principalmente no controle dos “Balcãs eurásianos”. Para Brzezinski, essa região era extremamente estratégica devido à combinação de dois elementos: sua potencialidade energética e o vácuo de poder na região. Sendo assim, os Estados Unidos

deveria assegurar a influência sobre os “pivôs-geopolíticos” – destacadamente Ucrânia, Azerbaijão, Coréia do Sul, Turquia e Irã – e minimizar/administrar a influência dos “atores geopolíticos” na região - França, Alemanha, Rússia, China e Índia. O controle do *Eurasian Balkans* era fundamental para garantir o controle hegemônico norte-americano, sua segurança energética e controlar os fluxos econômicos, devido à centralidade da região. Para Brzezinski, a fórmula para se garantir a manutenção da *Pax Americana* era deter o controle, basicamente, da Bacia do Mar Cáspio.

CONCLUSÃO

Os ecos criados pela teoria de Mackinder, a partir da publicação em 1904 de *The Geographical Pivot of History*, estão presentes até hoje nos principais círculos estratégicos, englobados por teóricos e políticos. A Eurásia, identificada por Mackinder como *World-Island*, continua sendo o palco aonde o poder mundial é disputado pelas potências. Mackinder introduziu o conceito de sistema político fechado, isto é, a ideia de que qualquer alteração política ocorrida em qualquer lugar do mundo altera a posição relativa dos demais agentes. Hoje em dia, essa ideia parece ser óbvia devido à globalização, resultado do avanço tecnológico nos setores de informação e comunicação, porém na sua época as relações eram vistas, sobretudo, de forma regional.

Outra concepção original de Mackinder foi identificar o que o autor chamou de *Pivot Area* ou, mais a frente de *Heartland*, isto é, a área mais estratégica do ponto de vista econômico e militar do mundo. Essa identificação só foi possível devido ao determinismo geográfico que norteia a teoria de Mackinder, na qual a geografia impõe vantagens e desvantagens que, em algum grau, são imutáveis. Nesse contexto, a geografia teria sido, segundo o autor, favorável a Rússia, pois a mesma estava situada quase totalmente no *Heartland*. Sendo assim, do ponto de vista britânico, Mackinder buscou aconselhar os formuladores de política para que, apesar do determinismo geográfico, a Inglaterra mantivesse sua posição, até então, soberana no mundo. Para isso, a contenção do expansionismo russo era necessária e, assim, surge a importância do *Inner Crescent*, isto é, a área diretamente em volta do *Heartland* que funcionaria como uma zona amortecedora do expansionismo marítimo e terrestre.

Por fim, após grande análise dos confrontos que ocorrem ao longo da história, Mackinder observou que esses confrontos sempre existiram entre uma potência marítima e uma potência

terrestre. Ou seja, havia uma rivalidade inerente entre países predominantemente terrestres e marítimos. Até a formulação de sua teoria, as estratégias abarcavam a necessidade de um poder marítimo, pois poder necessariamente se tinha através de uma forte marinha. Entretanto, após a invenção das ferrovias e a facilidade que as mesmas ofereciam para deslocamento de tropas e suprimentos por terra mais rápido do que por mar, Mackinder acreditava que a lógica estratégica se invertera. Sendo assim, formula sua teoria do poder terrestre e destaca, sobretudo, a importância de impedir uma união entre Rússia e Alemanha, pois se essa ocorresse a Eurásia seria dominada por um grande poder terrestre que poria em risco o domínio britânico mundial.

No contexto da Segunda Guerra Mundial e do debate norte-americano sobre a participação ou não dos Estados Unidos no conflito, Spykman buscou formular uma teoria que, analogamente à vontade de Mackinder, reafirmasse o poder dos Estados Unidos no mundo. Assim como Mackinder, Spykman acredita que o mundo é um sistema político fechado e, dessa forma, os Estados Unidos deveriam ter um papel ativo no jogo político internacional, sendo, assim, contrário à ideia de isolacionismo que, em parte, ainda reinava na América desde a Primeira Guerra Mundial. O fator geográfico, também para Spykman, era determinante uma vez que a geografia era vista como o fator mais permanente. Para Spykman, mais além do que existir uma área mais estratégica no mundo, a geografia determinará, através da localização, do tamanho do território, dos países vizinhos, do clima, etc., a posição de poder de um país, ao menos em primeira análise.

Spykman, assim como Mackinder, acreditava na rivalidade entre poder terrestre e poder marítimo. Para o autor, o século XIX foi marcado pelo Império Britânico, através dos mares, impedindo o avanço do Império russo, através das massas terrestres, para conquistar uma saída para “mares quentes”. Nesse aspecto, Spykman concorda com Mackinder haver uma predisposição russa ao expansionismo, a chamada “força centrípeta” por Mackinder, na qual se fazia necessária uma contenção da mesma. Entretanto, para Spykman, tudo mudou na Segunda Guerra Mundial. A dualidade entre o poder marítimo e o poder terrestre teria sido apaziguada devido à importância que o poder aéreo representou na guerra. O poder aéreo teria enfraquecido o poder marítimo, uma vez que menores frotas marítimas poderiam vencer guerras, desde que tivessem bases aéreas terrestres que as ajudassem. Sendo assim, a guerra se tornou tridimensional e não mais bidimensional como Mackinder reforçava. O próprio Mackinder desvalorizou o poder aéreo dizendo que “[...] no adequate proof has yet been

presented that air fighting will not follow the long history of all kinds of warfare by presenting alternations of offensive and defensive tactical superiority, meanwhile effecting few permanent changes in strategical conditions” (MACKINDER, 1942, p.202).

A grande alteração que a Segunda Guerra Mundial trouxe para Spykman foi a mudança do eixo expansivo de poder. Como visto, até então a União Soviética (antigo Império Russo) era tida como o poder expansivo dentro do continente eurasiático. Todavia, a Segunda Guerra Mundial mostrou que os países que estavam nas franjas marítimas, isto é, grosso modo no *Inner Crescent* de Mackinder, foram os países que buscaram se expandir, destacadamente Japão e Alemanha. Esse fato é crucial, pois do mesmo fato deriva a alteração que Spykman faz na teoria de Mackinder sobre o *Heartland*. Após essa mudança de expansionismo, o *Rimland*, isto é, a área abarcada pelas franjas marítimas que permitem poder terrestre e marítimo, é a região mais importante do mundo no sentido estratégico. No intuito de reafirmar o poder político americano, Spykman acredita que a primeira linha de defesa dos Estados Unidos deve ser, justamente, nas bordas da Eurásia. Com isso, os Estados Unidos teriam uma defesa potencial fora de seu território e controlaria boa parte da zona mais estratégica mundial, não permitindo, assim, a formação de um poder eurasiático que o sobrepujasse.

Trazendo para realidade do pós-Segunda Guerra Mundial, as ideias de Spykman foram muito influentes, ainda que os créditos dessas medidas não fossem, necessariamente, dados ao autor. A estratégia da Contenção, formulada por George Kennan, tinha como objetivo conter o expansionismo soviético através do domínio das regiões anfíbias, ou franjas marítimas. Esse domínio se deu por várias formas, destacadamente cultural, econômico e militar. Na Europa Ocidental, a OTAN surgiu em 1949 como o braço armado, porém o plano econômico de reconstrução da Europa, o Plano Marshall, foi desenvolvido ainda em 1947. Os valores democráticos e liberais dos Estados Unidos foram ainda mais enraizados na cultura europeia ocidental, criando laços invisíveis que permitiram garantir a área de influência americana na região. Do outro lado, no Extremo Oriente, o Plano Colombo de reconstrução econômica asiática foi formulado em 1951, como forma de garantir a influência americana na região. Mais tarde, após o “fim” da Guerra da Coreia em 1953, os Estados Unidos garantem o controle informal do território sul-coreano e, em 1960, assinam o Tratado de Mutua Cooperação e Segurança entre os Estados Unidos e o Japão. As bases da “primeira linha de defesa” formulada por Spykman estavam formadas, com os Estados Unidos controlando a Europa Ocidental e o Extremo Oriente, de forma a evitar um “movimento de pinça” contra

seu território, assim como quase ocorreu na Segunda Guerra Mundial com o avanço nipogermânico.

Zbigniew Brzezinski, por sua vez, diferentemente de Mackinder e Spykman, teve uma influência mais clara nas políticas adotadas pelos Estados Unidos, uma vez que fez parte, entre outros, do Governo Carter (1977-81) como Consultor Nacional de Segurança. Brzezinski também acreditava haver uma rivalidade histórica entre potências marítimas e terrestres, no qual o próprio confronto imperial entre Estados Unidos e União Soviética era a representação da mesma rivalidade. O confronto americano-soviético evidenciava a existência do “sistema político fechado” de Mackinder, uma vez que as potências podiam influenciar qualquer parte do mundo e, assim, alterar sua posição de força relativa. Brzezinski não creditava tanto valor ao determinismo geográfico, uma vez que mesmo fora do continente eurasiático, continente no qual o domínio mundial é disputado, os Estados Unidos conseguiram se tornar na maior potência influenciadora da região.

No contexto da Guerra Fria, Brzezinski retoma a visão de Mackinder sobre o expansionismo russo (modificando a alteração feita por Spykman na Segunda Guerra Mundial), representado pela União Soviética e, assim, desenvolve a teoria das Frentes Estratégicas Basilares. Essa teoria retoma o pensamento de Mackinder sobre a contenção do expansionismo russo, através do *Inner Crescent* ou do *Rimland* de Spykman, mas, sobretudo, evidencia a importância do Oriente Médio ou Oriente Próximo, ressaltando seu papel chave como fornecedor de energia global. Assim, o domínio mundial seria travado nas três frentes basilares do Extremo Ocidente, Extremo Oriente e Oriente Próximo, permitindo que qualquer vitória contundente em uma das três frentes possibilitasse uma grande vantagem relativa. De Spykman, Brzezinski utiliza, sobretudo, a importância dos oceanos que “mais unem do que separam”, favorecendo a influência americana nas áreas costeiras do *Rimland* ou das Frentes Estratégicas Basilares e, conseqüentemente, expandindo para solos eurasiáticos a primeira linha de defesa americana, em linha com o que julgava necessário Spykman.

As alterações feitas por Brzezinski, em relação à matriz geopolítica dos demais autores, residem principalmente nos poderes intangíveis que norteiam um domínio imperial. Brzezinski ressalta que o domínio puramente militar soviético, ainda que fosse superior ao americano, não garantiria um domínio imperial duradouro. Isso porque o poder cultural, no qual apaziguaria a sensação de que um país se sentisse dominado por outro, era de extrema

importância e estava, sobretudo, na órbita de influência americana e não na soviética. Brzezinski também ressaltou a importância da tecnologia como forma de imposição de poder e garantidor de soberania. Por fim, após analisar a sociedade soviética, inclusive sua variedade étnica e religiosa, Brzezinski identificou nisso uma característica que pudesse explorar.

Quando no Governo, Brzezinski fomentou a disputa religiosa e étnica que havia dentro da própria União Soviética e nos países a sua volta, com o intuito de desestabilizar internamente o adversário americano e de impedir novos avanços, principalmente, na frente estratégica chave do Oriente Próximo. Comparativamente, a sociedade americana era muito mais homogênea, étnica e religiosamente, do que a sociedade soviética. Mais além, ainda que não fosse mais homogênea, os valores culturais americanos incorporam a diferença, o que Brzezinski quis dizer com “qualquer um pode ser americano”, fazendo com que as diferenças, na realidade, se tornem uma grande homogeneidade. Sendo assim, existe uma clara influência de Brzezinski na Guerra do Afeganistão 1979-89, guerra essa que se desenvolveu como uma resposta americana a uma invasão soviética e que, com o intuito de lutar ao lado dos americanos, foi estimulada a radicalização da fé islâmica em oposição ao comunismo.

Já no mundo unipolar do pós-Guerra Fria, Brzezinski ressaltou o papel da Europa Ocidental na disseminação dos valores americanos democráticos e liberais, sendo assim um importante aliado para a manutenção da influência americana na região. Entretanto, para Brzezinski uma Europa unida só serviria se estivesse sob a órbita de influência americana, pois, do contrário, poderia ser a própria uma ameaça aos interesses americanos. Tendo em mente a importância da energia para todos os países, Brzezinski destacou a área que considerava ser a mais estratégica para o domínio mundial, nomeada pelo autor de *Eurasian Balkans*. Essa região compreendia, sobretudo, as antigas repúblicas soviéticas da Ásia Central e parte da Turquia, Irã e Afeganistão. Segundo o autor, nessa região foram descobertas grandes reservas de petróleo e gás que, se garantidas, poderiam proporcionar aos Estados Unidos uma maior liberdade do petróleo e gás derivados da região instável do Oriente Médio. Somado a essa possibilidade, quem dominasse essa região, que também constituía um grande vácuo de poder, poderia negar o fornecimento energético para outra potência postulante à hegemonia global.

Buscou-se nessa monografia apresentar a teoria geopolítica de três renomados estrategistas, sendo eles Mackinder, Spykman e Brzezinski, como forma de vislumbrar uma influência intelectual, sobretudo de Mackinder, nos demais. Uma forma de esclarecer essa eventual influência é entender as bases teóricas que norteiam o pensamento dos autores e analisar os conceitos adotados e/ou derivados, sobretudo no que tange ao *Heartland* e ao *Inner Crescent*. Feito isso, é razoável estabelecer uma relação direta entre as destacadas teorias de geopolítica, evidenciando uma matriz geopolítica comum que, com alguma clareza, demonstra a influência de Mackinder sobre Spykman e Brzezinski.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRESSER-PEREIRA, L.C. As duas lógicas do Império. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.28, n.81, 2014.

BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives**. New York: Basic Books, 1997.

BRZEZINSKI, Z. **EUA x URSS: O Grande Desafio**. Rio de Janeiro, Nórdica, 1989.

BRIGOLA, H. F.; ALBUQUERQUE, E.S. Kennan, Mackinder e Huntington: as Estratégias e Contenção ao Serviço do Poder Ocidental. **A Pluralidade na Geografia**, Ponta Grossa, p. 55-59, out. 2009.

CAIRO, H. A AMÉRICA LATINA NOS MODELOS GEOPOLÍTICOS MODERNOS: da marginalização à preocupação com sua autonomia. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 221-237, Maio/Ago. 2008.

CHOWDHURY, S. K.; ABDULLAH, H. K. The Heartland theory of Sir Halford John Mackinder: justification of foreign policy of the United States and Russia in Central Asia. **Journal of Liberty and International Affairs**, v.1, n.2, p.58-70, 2015.

CORREIA, P. P. Geopolítica e Geoestratégia. **Nação e Defesa**, 5ª série, n.131, p.229-246, 2012.

EDWARDS, M. The New Great Game and the new great gamers: Disciples of Kipling and Mackinder. **Central Asian Survey**, v.22, Issue 1, p.83-102, 2003

ENGDAHL, F. W. **Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy in the New World Order**. Edition.engdahl, 2009.

FALLON, T. The New Silk Road: Xi Jinping's Grand Strategy for Eurasia. **American Foreign Policy Interests**, v.37, Issue 3, p.140-147, 2015.

FETTWEIS, C. J. On Heartlands and Chessboards: Classical Geopolitics, Then and Now. **Orbis**, v.59, Issue 2, p.233-248, 2015.

FETTWEIS, C. J. Revisiting Mackinder and Angell: The Obsolescence of Great Power Geopolitics. **Comparative Strategy**, 22, p.109–129, 2003.

FIORI, J. L. **Nicholas Spykman e a América Latina**. Disponível em: www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/fiori051207.pdf

HEPPLE, L. W. The Revival of Geopolitics. **Political Geography Quarterly**, supplement to vol.5, n.4, p. S21-S36, out. 1986.

HOEVELER, R. C. Dominação e Resistência dos Estados Unidos dos Anos 1960: Zbigniew Brzezinski entre duas eras. **Revista Mosaico**, v. 9, n. 1, p. 8-23, Jan./jun. 2016.

MACKINDER, H. J. **Democratic Ideals and reality**: a Study in the Politics of Reconstruction (and others essays). Washington, D.C.: National Defense University Press, 1996.

MACKINDER, H. J. The Geographical Pivot of History. **The Geographical Journal**, v.170, n.4, p.298-321, dez. 2004.

MELLO, L. I. A. **Quem tem medo da Geopolítica?** São Paulo: Edusp; Hucitec, 1999.

MENEZES, D. T. A Defesa Militar da União Européia. **Cadernos de Estudos Estratégicos**, Rio de Janeiro, n.5, p.20-46, dez. 2006.

MONIZ BANDEIRA, L.A. Dimensão estratégica e política externa dos Estados Unidos. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 90, 2008.

MONIZ BANDEIRA, L.A. **A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão Estratégica dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, 2013. Civilização Brasileira

PARKER, G. **Western Geopolitical Thought in the Twentieth Century**. Londres: Croom Helm, 1985.

PENHA, E. A. Geopolítica das Relações Internacionais. **História das Relações Internacionais: Teoria e Processos**, Rio de Janeiro, p.133-162, 2007.

ROCHA, D. F.; ALBUQUERQUE, E. S. Revisando o conceito de Heartland na Política de Contenção Ocidental do séc. XXI. **Revista de Geopolítica**, Natal, v. 5, n.1, p. 1-14, jan./jun. 2014.

SPYKMAN, N. J. **America's Strategy in World Politics**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1942.

VILLA, R. D. Mackinder: Repensando a Política Internacional Contemporânea. **Revista de Sociologia e Política**, n.14, p.195-199, jun. 2000.